

A close-up photograph of two hands with deeply wrinkled, aged skin. The hands are resting on a dark, textured fabric, possibly a tweed jacket. The lighting is dramatic, highlighting the texture of the skin and the fabric. A dark red triangle is overlaid on the top right, and a light green triangle is overlaid on the bottom right, both containing text.

0

BENZEDOR

ORESTES

PAULO ANDRÉ AMARAL

O

BENZEDOR

ORESTES



PAULO ANDRÉ AMARAL

O
BENZEDOR
ORESTES

Edição e-book

Medina
Vale do Jequitinhonha
Minas Gerais

2021

2021 - Paulo André Amaral

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução integral ou parcial sem prévia autorização dos organizadores, baseado na lei 9610 de 1998.

Diagramação e Capa

Herena Barcelos

Foto de capa

Imagem gratuita de aplicativo

Ilustrações

Estilização de imagens gratuitas de aplicativo e fotos de Herena Barcelos

O Benzedor Orestes. Paulo André Amaral. Medina, 2021.
108p.

Prosa. Literatura Brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradecer não é fácil, pois são tantos os incentivos e corremos o risco de esquecer algum. À esposa Rozana e aos filhos, Paula e André, pela compreensão dos meus momentos de ausência e silêncio. À Comissão Pastoral da Terra, lugar de missão e formação. A José Carlos Alves Pereira (Carlinhos), pelas primeiras leituras e correções. A Herena Reis Barcelos, pela leitura, sugestões, diagramação e incentivo. À Professora Josélia Barroso Queiroz Lima, pela leitura atenta e prefácio.

APRESENTAÇÃO

Já faz um tempo que tomei conhecimento com Orestes. Um pouco mais, com Paulo. Mas o suficiente.

O tempo é uma grandeza solta e fértil. O que ele carece é tenência, de perceber das importâncias e permitir. Do tempo de Orestes, duvidei de meus próprios convencimentos, e de Paulo, invejei olhar mais para o que orgulhava já olhar muito.

Bom que sair do sossego é perceber.

Nesse nosso tempo, talvez pela literatura em si, e o encanto todo que é o causo, há o suficiente para estimar. Eu cresci nos causos. Eis o causo de Orestes: recomendo.

Temos, os três, um sertão em comum. Não o sertão da secura, que, vou espreitando, cada um vive o seu, em seu lugar e momento. Mas o sertão da força. Nascer forte é uma agrura. E aí não somos iguais, não entre um e outro, não entre hoje e amanhã. Porque a força desfigura as formas, e a não-forma desmodela o estado. Estamos frequentemente outros. Mas não novos. Porque nenhum deixa de ser o que viveu.

A força de Orestes eu vi aí, um homem que não se apeia das estradas de suas sabenças. De Paulo, o zelo pelo que já se soube.

A minha é admirar. Recomendo.

Herena
Verão de 2021, com chuva

PREFÁCIO

Quando a chuva passou eu segui meu caminho rumo à fazenda de Onofre. Só muitos anos depois é que ouvi falar de Juvêncio, mas não sei se vai ter paciência para escutar tudo.

— Conte, conte tudo, tenho tempo e paciência.

Eita! Esse povo que fica pondo história em pesquisa, gastando tinta em papel e pra que? Pra memória? O que esses professores têm na cabeça de ficar incentivando estudante a pesquisar gente velha? Os tempos estão mesmo mudados.

Trecho de Orestes, O Benzedor, de Paulo André Amaral, 2021

Começo este prefácio com o diálogo entre Orestes e Artemísia, ele um sertanejo, mineiro, dos vales do Jequitinhonha, ela uma estudante, pesquisadora, urbana, desafiada pelo professor a registrar as memórias sociais que dizem dos sujeitos sociais dos sertões das Minas Gerais.

Ao ler o livro e o trecho, como não me identificar, eu, uma docente universitária, branca e urbana, ainda que do interior de Minas, mas não do Jequitinhonha e que via as discussões históricas críticas, e as leituras da Psicologia Social, venho problematizando a ciência de

supremacia branca aprendida e que silencia a diversidade social, étnica e de gênero que compõem a história brasileira.

Na ruptura de um saber que se fez hegemônico, abrir-se para as *leituras de mundo*, no dizer freiriano, é assumir a responsabilidade para com o lugar social que ocupamos e entender que é necessário romper com os silenciamentos históricos com os quais fomos colonizados. Assim, reconhecer os saberes que se presentificam, nas memórias daqueles que foram silenciados e mantidos fora da educação como direito social. Orestes, é, pois, uma representação social e coletiva: da educação religiosa, política e patriarcal que marcam os vales do Jequitinhonha, numa perspectiva que nos permite adentrar as relações sociais de afeto, violência e naturalização de um modo de fazer que pautado na religiosidade popular, nos apresenta a força de um povo que produz modos de vida e de subjetividade resistentes e resilientes.

Na linguagem sertaneja, na desconfiança, no resguardo das histórias, na fé popular aprendida com a avó, Sá Ana, vamos percebendo como Orestes nos expõe o cotidiano de um Vale, fortemente representado pelo poder hierarquizado do Coronel, do homem valente, das mulheres que resistem e enfrentam as violências aprendidas, mas que na religiosidade popular, confluência de muitos saberes, mantém viva outras memórias e histórias. No conto, outros contos se revelam.

Via literatura, podemos dialogar com a expressão do escritor, Paulo André, que filho do Jequitinhonha, e apropriando-se dos acúmulos sociais que o motivam a escrever, pode narrar as histórias que o constituíram como um *“jequitinhonhês”*.

E se na academia, podemos buscar entender causas, fatos e costumes numa leitura crítica, aqui os convido a adentrar no mundo de Orestes e, vivenciando sua trajetória, compreender a força do sagrado na sobrevivência do povo brasileiro, não o sagrado da religião instituída, mas aquele que *religa* os sujeitos sociais aos sentidos que lhes permitem viver a vida com dignidade e bravura. Pois como afirma Homero:

— *“Tem gente, filho, que é como lagarta taturana, aparece na quaresma e depois some. Assim também essa gente só reza nessa época. Mas a oração é um fazer constante, é dever de cada dia”*.

Boa Leitura,

Josélia Barroso Queiroz Lima

Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Sabinópolis, 11 de março, de 2021



(...) não sabia o que era
BENZEDEIRO.

— é uma pessoa
QUE ABRE UMA QUALQUER COISA DENTRO DA GENTE SEM PRECISAR
ABRIR COM FACA.

ALINE BEI



O BENZEDOR ORESTES

Dia desses, chegou aqui em casa uma jovem que estuda fora, desse tipo de gente que lê um livro e acha que pode fazer uma revolução. Pediu-me para contar umas histórias de minha juventude. Recusei. Ela anotou minhas desculpas, agradeceu e voltou no outro dia com a cara mais lavada ainda, a mesma prosa e isso se repetiu por muito tempo. Essa menina é gente daqui mesmo, filha de um compadre que prezo muito e por isso não a escorracei de vez.

Ela anda com uma bolsa a tiracolo, já chega e vai logo empunhando um caderninho e caneta e tudo que eu falo ela anota. Esse povo tem cada mania, mas não é desafortada não, é até simpática, é só o jeito mesmo de quem ainda não aprendeu o traquejo do sertão. Falou que o que fica só na memória da gente se perde e quando é escrito permanece pra sempre. Mas quem disse que eu quero durar pra sempre? E que importância têm as coisas aqui do sertão?

Aqui a gente é muito simples e não tem essas preocupações de deixar nada escrito, não. Mas pense numa sujeita da cabeça dura. Certo dia, disse que sabia de algumas coisas, mas gostaria de ouvir de minha boca, com mais detalhes, pois precisava concluir uma pesquisa lá na faculdade. Raça de gente fuxiqueira que tem por aqui, já tinha enchido a cabeça da moça e ela teimosa feita uma mula, empacou naquela ideia.

Aquilo já estava atrapalhando meu ofício e me aborrecendo por demais. Fui vencido pela teimosia dela, mas creio que não ofereci muita resistência.

Mas, o que me animou mais contar tudo isso pra essa menina foi que ela disse:

— É que pra pôr em pesquisa, só se for história acontecida.

— Você pediu e os meus quase cem anos não me permitirão omitir nada, apesar de umas passagens já ter adormecido na memória, mas se não tiver pressa vou tentando lembrar...

Ela riu um sorriso largo triunfante e disse que não tinha pressa nenhuma. Então falei, “senta aí nesse cepo e assunta”:

Começo falando do que sou e do que tenho. Não enriqueci e não foi por descuido, mas sempre vivi instantezinhos de felicidade e isso me conforta. Para um homem alcançar riqueza, precisa de duas coisas: Ambição e coragem de explorar o suor alheio, se não logrou herança é claro ou achou pedra azul. Não tive uma coisa nem outra. Só tenho este caquinho de terra, herança de vovó. Mas dele sempre tirei o sustento.

De vez em quando chega alguém aqui querendo comprar essa terrinha velha, dizendo que não vale nada, que lugar de velho é na cidade, lá que tem recursos, mas não vendo. Foi aqui que nasci e cresci, é aqui que o povo vem me procurar e é aqui que de vez em quando, aparece algum amigo pra prostrar. Ali tem aquele mulunguzeiro, meu umbigo está enterrado lá debaixo,

quando está florido a passarinhada faz a festa, é uma algazarra que não acaba mais e diverte a gente, isso não tem preço.

Nem vovó sabia a idade dele. Dizia que quando chegou ele já estava aí florido e risonho. Todas as tardes ela passeia lá por debaixo dele, com seu terço na mão, me abençoa e, daqui deste banco velho, eu rogo a Deus por ela, sei que é só sua alma que está ali, mas o seu encantamento muito me alegra. Tem riqueza maior do que essa, para quem não espera muito da vida?



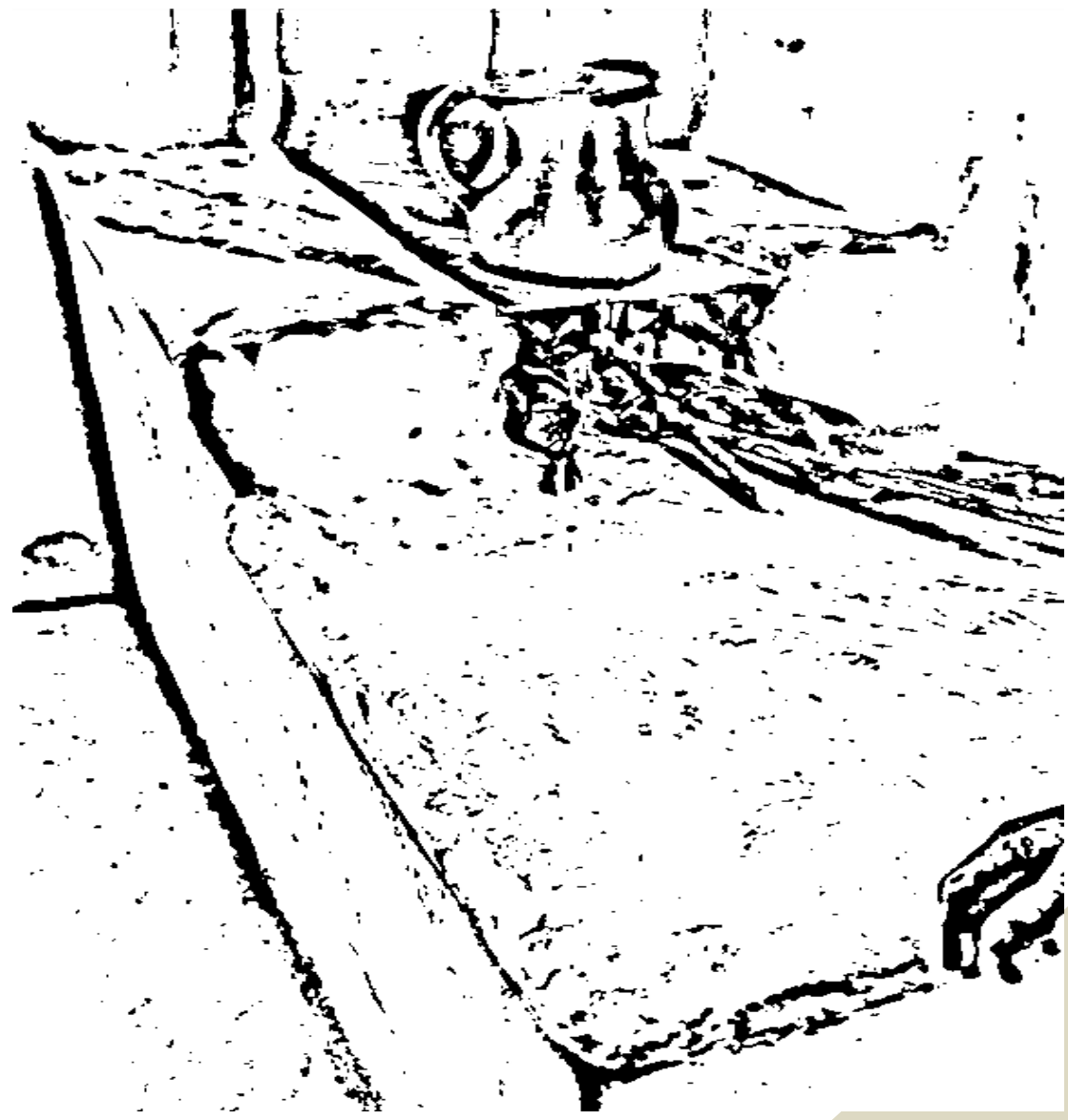
Antigamente por aqui era de outro jeito, o povo tinha muito que fazer. Serviço que não acabava mais. Mas quase de tudo se produzia por aqui mesmo, os terreiros viviam cheios de galinhas, perus, porcos e outros bichos. Nos ninhos de galinha se colocava era talos de fumo pra espantar as pragas. Porcos se engordavam era com milho, mandioca e soro de requeijão. Sabão preto se fazia com decoada.

E os pilões onde se pilava arroz, café, milho, paçoca de amendoim, de coco licuri e carne seca. Fazia farinha, goma, puba, fubá; café se temperava com garapa de cana ou rapadura. As plantações de feijão de arranca, fava, catador, andu, cana, mandioca, batata doce, milho e café quase toda família tinha.

O azeite que se fazia de mamona era um remédio muito procurado principalmente pra cicatrização, mel de abelha também se utilizava contra gripes e a cera tinha tanta serventia; as hortaliças que eram tão diversas, cebolinhas, coentros, alhos, safroa, taioba, inhame, couve e tantos outros e plantavam eram nos brejos. As chácaras de mangas, laranjas, mexericas, limões, jacas e tantas outras frutas eram muito comuns, mas jabuticabeiras mesmo tinha era na chácara dos machados.



Os fogões eram a lenha, panelas de barro, colheres de pau, pratos esmaltados. Água se esquentava era no buião. Louça, pouca gente que tinha. Mas isso não deve ser novidade pra ninguém, outros daquela época também contam desse jeito ou até melhor.



Mas a vizinhança de vovó era muito grande, gente pra tudo que é cafundó, um povo de muita serventia e arte. Aqui perto mesmo, no Timirim, tinha Sá Fia, mulher boa tecelã, o povo da região fazia rolos e mais rolos de linha de algodão e levava lá, ela desmanchava aquilo tudo em toalha, colcha e cobertor. No fundão tinha um velho capador de porco, seu Tião Amaral, gente antiga com um sistema diferente, mas cumpria a tarefa direito. Pedia pra derrubar o porco ou a porca e brandia o canivete, pisava em cima do bicho e castrava, depois usava água salgada pra lavar e estava pronto.

Os ferreiros do Largo, nossos vizinhos... A gente levava qualquer ferramenta quebrada e eles colocavam aquilo nas labaredas do fole e emendava, ficava como se fosse nova, esse povo fazia de tudo desde colocar uma alça numa esculadeira, fazer uma enxó, até consertar uma máquina de costura, época que o povo gastava tempo em aprender ofício, pois também não tinha escola.

Nas Gangorras ficavam Tião Parambeira e seu filho Zé. Bons enxadeiros que só, quando se precisava limpar uma roça era só chamar e vinham eles, alegres, cantando pela estrada. No Procópio tinha Caetano, gente vinda da Bahia na época da grande seca, se afeiçoou ao lugar e nunca mais voltou, de lá ele só tirava

as saudosas histórias. Ele tinha uns costumes estranhos. Um desses costumes, a respeito da alimentação, era com a questão do milho, mas ele tinha muitos outros. Ele apreciava por demais um tal de quilengo, fazia um angu salgado e outro sem sal, colocava um por cima do outro e despejava caldo de galinha com bastante quiabo. Aquilo dava um trabalhão pra fazer, mas quem chegasse a casa dele, só saía depois de experimentar esse quilengo.

Lá nas Guaribas tinha o seu Feliciano, vulgo Friciano — esse homem era tihoso, ele tinha umas juntas de bois, apanhava madeira pra muita gente; ele vinha bem cedinho, cantando uma cantiga que ninguém entendia — *“ahhheeeheeeaaaboi eh! boi, ah! boi, uuéé iiiaaa uuuaéooóóboi!!!!”* Dizia que ele falava com os bois, não batia, não xingava e não gritava com os bichos, muita gente dizia que era patranha que ele sabia, por isso os bois o obedeciam. Ele tinha a estranha maneira de cheirar rapé, de tempos em tempos, ele tirava do bernal uma cornicha feita de chifre, abria, retirava uma boa dose de rapé, narigava de um lado e de outro, daí a pouco escutava os enormes espirros; mas não demorava muito e estava ele tomando rapé de novo.

Na Palestina tinha seu Jonas, esse era fiador de fumo de primeira qualidade, o povo vinha de longe pra buscá-lo, esse usava uma binga pra acender o cigarro, que era uma ponta de

chifre com uma tampa feita de cabaça, cheia de algodão queimado e do lado amarrado em uma tira de couro um pedaço de aço cortado de uma lima. Ele batia com uma pedra no aço até produzir uma faísca e acender o algodão, ali ele introduzia o cigarro de palha e soltava as grandes baforadas.

Os pedreiros vinham da Lagoa Escura – Manoel e José, filhos de Lió. Na Capoeira Grande tinha o Tião Carapina, fazedor de cancela, de porta e janela, de banco e mesa, prateleira e outros troços, esse era filho de Manoel de Paula, gente vinda da Água Branca. Esse Manoel era do tipo de gente que já não existe mais; homem de pouca prosa, com ele palavra não fazia curva, se devesse não dava o direito de ninguém cobrar, viajava longe pra pagar uma dívida, mas viajava mais longe ainda se tivesse que receber, não se escandalizava com as reviravoltas do mundo, quando muito ele dizia: “O mundo pra ser completo precisa de tudo ter”.

Os foliões vinham do Cataxó, do Campolindo, do Timirim e de outros lugares pra trazer alegria. Sá Dala era costureira afamada, costurava de anágua até mortalha, e Sá Venância era rezadeira de terço, na época do natal ia de presépio em presépio. Esse povão todo, quem não era compadre ou comadre de Sá Ana, era de muita estima e consideração. Mas isso foi num tempo

distante, quem não morreu mudou pra cidade e a roça foi ficando vazia; meus vizinhos de agora são muito poucos, mas firmes e bons, e creio que além de mim, muito pouca gente guarda os costumes dos antigos, até entendo que é porque sou antigo mesmo.

Aqui nesse sertão nosso de cada dia, muita gente escapou foi por sorte, pois os recursos eram escassos. Era gente ofendida de cobra, escorpião, lacraia, aranha e tantos outros insetos, gente machucada nas extravagâncias de serviço pesado, queda de animal e tudo que é perigo que tem por aqui. E as doenças... desde quebranto, caxumba, empachamento, erisipela e outras que são tantas. Foi a fé misturada com uma raiz ou folha e as graças de Deus que salvaram muita gente.

Sou curandeiro, raizeiro e benzedeiro, sim, senhora, feiticeiro não! Se sua ciência não tem crença, tá bom! Mas esse povo daqui precisa de Deus e precisa muito! Não conheço sua ciência, mas conheço as coisas daqui, desde a ave que canta na laranjeira até o gavião que ronda o poleiro, conheço as rezas, as crenças, as simpatias, as árvores, as raízes, os peixes, o burro saltador, a vaca leiteira, o porco que tem gordura, a galinha de boa postura.

Conheço as fases da lua e as respeito bem, sei quando tirar uma madeira pra esteio de casa, mourão de curral, chiqueiro, galinheiro, paiol ou jirau. Sei do ano chuvoso e do seco, apesar de ser quase sempre estiagem, mas têm boas nascentes e cacimbas. Conheço os costumes e um pouco da natureza, conheço até as cobras, desde a jararaquinha do brejo até a jaracuçu do carrasco, o único bicho que desconheço é o homem. Esse é um bicho terrível que se veste de várias formas e se apresenta de vários jeitos.

Do tempo de menino não tenho muito que contar, pois vivia agarrado na beira da saia de vovó. Sei que naquela época eu tinha uns 10 anos de idade, mas me recordo bem, era mês de São João, as bandeirolas enfeitavam um grande espaço, moças brincavam de roda, jovens viravam compadres, havia batizados de crianças, afirmação e reafirmação de compadrio, tudo isso pulando a fogueira e falando os nomes dos santos do mês.

Homens conversavam pelos cantos do terreiro, mulheres ocupavam as janelas e a meninada corria para todos os lados. Tinha enormes caldeirões de canjica, caldos e quentão na cozinha, fora outras guloseimas, gente entrava e saía da casa, era uma alegria só. Num dado momento, Vó Sá Ana me pegou pelo braço chamando para conhecer uma pessoa importante.

O homem estava sozinho num canto do terreiro, era baixo e forte, usava uma muleta do lado esquerdo onde lhe faltava uma perna e mais tarde vim saber que foi por causa d'um tiro. Vovó dizia que Zé Piqueno tinha sido um jagunço muito afamado que lutara num levante junto com meu falecido avô. Ela sempre se emocionava quando contava a história.

— Esse é o menino? — Perguntou o homem.

— Sim, este é meu neto Orestes.

— Pois amanhã mesmo começaremos — arrematou o homem.

Vovó ia dizer mais alguma coisa, quando escutamos tiros debaixo do mulungu. Nesse momento, ela segurou-me firme pela mão e pediu licença ao homem, puxando-me em direção dos tiros. O autor dos disparos dava risadas, enquanto recarregava a garrucha. Chamava-se Procópio, sua fama era bem má e quase todos ali tinham medo dele. Quando chegamos mais perto, ele pisou num dos paus da fogueira enfrentando vovó com deboche.

A essa altura, as pessoas se espremiavam pelos cantos, fora as que correram para dentro da casa. Vovó pediu que ele se retirasse, pois não tinha sido convidado. Ele disse que o motivo de estar ali era outro, tinha contas para ajustar com ela.

Ela o encarou com uma firmeza de invejar qualquer um, dizendo que não tolerava covarde, pois ele voltasse e dissesse ao patrão pra vir pessoalmente.

— Ele não pode vir, mas me encarregou do serviço.

Virou a arma para vovó. Não preciso dizer que eu tinha medo, só não corria dali porque vovó me segurava com força, eu tremia olhando a arma.

— Pois faça logo o que veio fazer — disse vovó.

— Então, adeus Sá Ana.

Puxou um dos gatilhos da arma, mas só se ouviu um clique seco. Ele repetiu a ação com o outro gatilho e nada de tiro. Procópio mudou a fisionomia, a arma que atirava há pouco, agora não dava fogo.

— Precisa de ajuda, Sá Ana — disse uma voz atrás de nós.

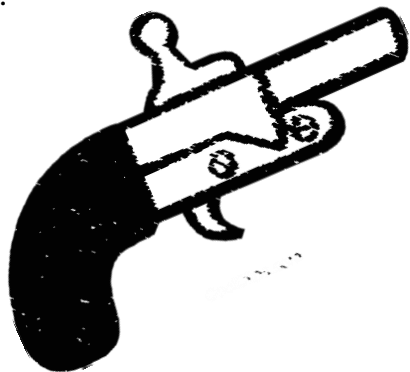
— Não, Zé Piqueno, o senhor Procópio já está de saída.

Ao ouvir o nome do jagunço, Procópio bateu em retirada, montou em seu cavalo e partiu. Vovó me abraçou diante de uma enorme salva de palmas que parecia não parar mais:

— Muita gente tem coragem, mas a gente precisa mesmo é ter fé.

No outro dia, vovó me contou o que realmente Zé Piqueno tinha vindo fazer. De princípio fiquei assustado, mas depois comecei a gostar da ideia. Eu ia aprender a atirar. Já estava na hora de ter as primeiras aulas e, ainda mais, depois do susto do dia anterior. Não sabia que vovó tinha inimigos. Ela era sempre quem conduzia a casa e dava a diretriz de nossas vidas, mas vivia dizendo que eu já era um homenzinho e precisava assumir mais responsabilidades.

Zé Piqueno estava perto do Mulunguzeiro preparando uma taboazinha como alvo. Deu-me a garrucha e me mandou atirar na taboa. Fiz pontaria tremendo e atirei. Caí para um lado, a garrucha para o outro e ainda errei o alvo. Ele riu muito e eu me enchi de raiva.



Ele pegou a garrucha e nem mesmo fez pontaria, levantou o braço e atirou, a taboazinha voou longe. Mais irritado eu fiquei. Ele me olhou e disse:

— A vida só tem sentido para quem sabe ler e escrever, pois conhece o mundo sem sair de casa, ou para aqueles que agarram um ofício qualquer com tanta força e determinação que faz daquilo o único objetivo de se viver, ou ainda para os destemidos, que põem o pé na estrada e veem o mundo com os próprios olhos, fora isso, tudo é conversa fiada. Guardou a arma no alforje e pegou uns papéis velhos e amassados.

— Já que não pode ser doutor, precisa aprender escrever o próprio nome e contar, pra não ser roubado.

Minha raiva aos poucos foi se passando, ele não mais falou de armas e eu também não perguntei. Minhas lições eram bastante simples, pois nesse campo Zé Piqueno não tinha muito a ensinar, mas saber escrever o nome, soletrar uma coisinha aqui outra ali e fazer algumas continhas significava estar intelectualmente mais avançado do que a grande maioria dos nossos vizinhos e, como Zé Piqueno dizia, o resto ia aprendendo com o tempo.

Um dia desses, surpreendi-me com Zé Piqueno debaixo do Mulungu, os alvos já estavam prontos. Ele me deu a garrucha, pediu que eu afastasse um pouco um pé do outro para ter maior equilíbrio, segurou em minha mão, me mandou fazer pontaria e atirar. Puxei o gatilho e a taboa voou, ele riu e repetimos por várias vezes.

Continuei no mesmo ritmo a cada dia com os exercícios; pela manhã soletrava, escrevia e contava, a tarde atirava. Além dos exercícios, fui aprendendo outras coisas, como cultivar a terra, montar a cavalo e caçar, rezar nem se fala, pois era ofício indispensável. O tempo foi passando e nos tornamos amigos. Muito pouco a gente saía de nossa casa. Quando fazia alguma viagemzinha, era ali por perto mesmo. Aonde íamos com mais frequência era em Santo Antônio que hoje se chama Tuparecê. Ali morava o tio Justino. Ele era muito bondoso, sempre me presenteava com alguma coisa.

Quando fiz 18 anos, já superava Zé Piqueno com as armas e ele desistiu de me ensinar, dizia que agora era eu que teria de continuar os exercícios para não perder o traquejo... daí a alguns dias, vovó trouxe-me duas armas. Eu não sabia que ela as tinha guardadas; uma garrucha de 2 canos e um revólver com cinturão. Pediu que eu os colocasse, o revólver ficou bem, pendurado ao

lado direito, mas a garrucha ficou um pouco sem jeito, enfiei a no cós da calça.

— Agora senta e escuta — ordenou — Temos inimigos perigosos. Apesar de não parecer, seu avô e seu pai foram assassinados covardemente. Fazia poucos dias que seu pai tinha trazido sua mãe para junto de nós, ela era índia, como eu também sou, os parentes dela vivia pras bandas de Itinga, fugiram de lá e estavam juntos há um ano. Naquela noite, seu avô ia levar um dinheiro de um gado que tinha comprado pros lados de Medina, pedi seu pai para acompanhar, além de mim, seu pai e seu tio Justino, poucas pessoas sabiam do negócio.

Mas algum desses deve ter conversado muito pelos botecos e Esperidião ouviu. Ele é perigoso e violento. Ficou na estrada e pegou os dois à traição, roubou o dinheiro e sumiu. As autoridades prenderam alguns suspeitos e descobriram que foi Esperidião o malfeitor, mas ele já tinha ido pra outras bandas e acabou em nada, tudo aqui é muito longe.

Seu tio Justino é um homem pacífico e com o tempo foi caindo no esquecimento, mas o nome do assassino foi falado de boca em boca em muitos lugares e ele julgou que fui eu a culpada e vive nos perseguindo. Se seu pai fosse vivo, corria o mundo

para vingar, guardei comigo a mágoa, a angústia de nada poder fazer. Justino tem recursos, mas é gente de igreja, vive só falando em padres e missões, não tem outro assunto. Sua mãe ficou muito triste e adoeceu, depois de seu parto ela piorou e não teve jeito.

Fiquei assustado, pois parecia que eu era o único que tinha de resolver essa arenga do passado, e era mesmo. Disse vovó em seguida:

— Você é minha única esperança, por isso é que chamei Zé Piqueno para treiná-lo ainda novo. Essa vingança é minha, mas eu precisava te criar e agora não tenho mais força pra isso. Essas armas eram de seu finado pai Joãozinho, ele era muito bom com elas.

Vovó me deu algum dinheiro arrematando:

— Chegou sua hora, vou sentir muito a sua falta, mas você já está preparado para enfrentar o mundo.

O sol ia despertando com as passadas do meu cavalo, num certo momento, nublou e começou a neblinar e cobri-me com uma capa de chuva que depois virou costume. No córrego da cotia, apeei, deixei o animal beber à vontade, não tinha pressa, nem sabia direito qual o caminho tomar, mas estava ansioso, até pouco não sabia nada de minha própria história e agora perseguia

um homem com tanto ódio, e o mataria, com certeza, onde o encontrasse. Ele pagaria o mal que fizera a minha família.

Na Ponte do Pasmado, lugarejo muito pequeno, porém tranquilo; já tinha estado ali quando pequeno, mas tinha poucas lembranças; parei no armazém de Manelin, ali vendia de tudo, ferramentas, mantimentos e até cachaça. O lugar era espaçoso e estava vazio, acomodei em um banco perto do balcão, dali eu dominava todo o espaço e não ficava de costas para ninguém, o que me incomodava era a garrucha, tirei-a do cós da calça e coloquei-a em cima do banco e como a capa era grande ninguém a notaria ali.

Pedi uma pinga que foi saboreada aos poucos enquanto conversava com Manelin. Houve barulho de cascos de animais e daí a pouco entrou portas adentro quatro pessoas vestidas de vaqueiros, porém quem entrou na frente e liderava o grupo era uma moça muito jovem, pediu pinga para todos e só depois de beber é que observaram minha presença.

A moça me encarou por algum tempo e eu também a olhava com curiosidade, mas um de seus companheiros logo percebeu a situação e tirou proveito; levantou do banco contrário ao meu, ficando mais ou menos no meio do salão e soltou uma

estrondosa gargalhada. Era alto e forte e a barba grande e suja dava-lhe um aspecto de mau.

— Mas vejamos, olha só, menino bebendo pinga feito gente grande; seu pai te deu permissão para isso?...

Senti a provocação, mas estava bastante tranquilo, Zé Piqueno havia me falado destes tipos, que afrontam, irritam e arrematava: “A pessoa com raiva perde os sentidos e a razão, e é por isso que certa gente sem honra sobressai”.

Preferi não responder, peguei o copo e bebi o restinho de pinga, como se nada tivesse acontecendo, parece que isto mexeu com os nervos daquele homem.

— Não está escutando? — Disse aos gritos. — Estou falando contigo moleque, se não se comportar feito homem dou-lhe umas chicotadas.

Realmente ele tinha um chicote na mão. Minha situação não era boa e parti para o ataque dizendo que seria a última coisa que ele faria na vida. Nem ele, nem os outros esperavam tal reação. A mocinha não sabia o que fazer, tentou acalmar o homem, mas ele estava possesso de raiva, pediu pra ela ficar quieta. Jogou o chicote de lado dizendo que eu ia pagar por ter a língua tão afiada, levou a mão à arma.

Como desde o início da conversa, sem que eles percebessem, eu estava com a mão na coronha da garrucha, que pela posição em cima do banco me facilitou bastante, levantei e sem que ninguém percebesse, eu tinha a garrucha na mão esquerda apontando para aquele homem que ainda não tinha conseguido sequer sacar sua arma, a surpresa foi tão grande que a moça arregalou os olhos e o homem abriu a boca e parou o movimento, ficou estático.

Um dos seus amigos quis consertar a situação, dizendo que eu só tinha duas balas na garrucha e eles eram quatro, antes que eu a recarregasse um deles me mataria. Abri a capa com a outra mão e deixei exposta a coronha do revólver para assombro geral. A situação era irremediável, mas eu não queria matar ninguém e ainda mais que eu tinha gostado muito daquela moça. Ouvimos palmas na porta, firmei mais a arma para não distrair.

— Bem, minha gente — disse o dono das palmas — acho que não precisam se matar, vamos chegar a um acordo. Joelão, vai se sentar e deixa de encrenca.

O homem que eu tinha na mira, sentiu aquelas palavras com alívio, abaixou a cabeça e deu as costas pra mim, dirigindo pro lado dos companheiros. A mocinha correu pro lado daquele

homem que entrara no ambiente, gritando “papai” e se atirando em seu pescoço. Eu, porém, desconfiado, continuei com a arma na mão, não sabia o que ainda poderia acontecer.

— Abaixa a arma, meu jovem — Disse o pai da mocinha. Sou de paz e não vai lhe acontecer nada, te peço desculpas pelo acontecido. Será que podemos conversar?

Era bastante simpático, usava chapéu grande e bigode, tinha o olhar esperto e gentil.

— Quero que me deixe em paz.

— Terá toda a paz do mundo, meu jovem. Só vou apanhar os mantimentos e já vamos embora.

Pedi para Manelim arrumar suas compras e veio pro meu lado.

— Sou Juca do pé da serra — disse me estendendo a mão que, cordialmente, apertei.

— Sou Orestes do Largo.

— Uai! — Disse rindo... — Então é o neto de Sá Ana?

— Você a conhece?

— Sim, claro que sim! Todo mundo nessas redondezas a conhece ou já ouviu falar.

Essas palavras me aliviaram, ainda há pouco não sabia como agir e agora via que minha avó era muito respeitada por todo canto, finalmente eu começava a compreender as palavras de vovó, quando ela me enviou. “Não tenha medo, Orestes, enquanto eu for viva, ninguém poderá contigo, vou estar sempre de vigia”.

— Pois bem, o que faz por essas bandas?

— Procuo Esperidião!

Juca riu alto, mas sem cinismo

— Metade do sertão também o procura.

— Mas eu vou matá-lo — afirmei para espanto deles.

— Bem, aí é outra coisa, eu não duvido, mas primeiro vai ter que encontrá-lo. Ah! Pois... enquanto não o encontra, poderia vir comigo, se não quiser trabalhar em minha fazenda, por lá passa muita gente e poderá ter mais informações a respeito de Esperidião, e te dou minha palavra de honra que nada de mau te acontecerá em relação ao acontecido de hoje com Joelão...

Assim feito, fui com eles. Tudo que dizia respeito a Esperidião me interessava. Não era tão longe o pé da serra e chegamos lá para o almoço. O que mais me chamou atenção ali

foi um jardim na frente da casa; bem cercado, umas gramas bem cuidadas e roseiras de várias qualidades, fora a enorme quantidade de outras plantas. Disseram que era invenção de Joana e que quem quisesse arrumar uma encrenca era mexer naquelas plantas, que cuidava de plantas como se fosse gente e até conversava com elas.

Juca contava muitas histórias do povo e da região que afirmava conhecer bem e de fato conhecia, mas nunca referia a si mesmo, a não ser para dizer que era o melhor atirador daquelas bandas. O pessoal que trabalhava pra Juca, tinha suas casas ali por perto, assim não tive de ficar tão cismado com Joelão.

Juca me propôs um desafio e aceitei, ele queria ver de nós dois quem atirava mais rápido e com maior precisão. Aquele dia ele deu folga pro pessoal, mas convidou todos juntamente com a vizinhança para assistir nossa disputa à tarde, era bastante vaidoso! Na hora marcada, pusemos os alvos, calculamos a distância e ele pediu a filha pra dar o sinal. Quando o tiro explodiu, saquei e percebendo que Juca demorou muito, atirei duas vezes e as taboas voaram.

Juca guardou a arma com uma velocidade incrível, bateu palmas e gritou viva, viva, viva... não compreendi sua atitude e os presentes só compreenderam quando ele falou:

— Hoje é dia de festa, até que enfim, apareceu por essas bandas alguém que atira feito eu, vocês todos viram como este rapaz é bom, atiramos ao mesmo tempo. Pela posição que os outros estavam não conseguiriam perceber a manobra dele. E muitos vinham me cumprimentar.

“Maldito Juca!” — pensei — É lerdo pra sacar, mas pensa rápido.

Eu poderia tê-lo desmentido, pois poderia provar, era só apresentar os cartuchos vazios, preferi fazer o jogo de Juca.

Mas naquele momento já havia decidido partir no outro dia, iria com muito pesar por causa dos olhos da filha dele...

Juca ainda fez de tudo para eu ficar, mas falei de minha missão.

— Tanto aqui, como em qualquer outro lugar, você cumprirá sua tarefa, basta chegar a hora. — Profetizou!

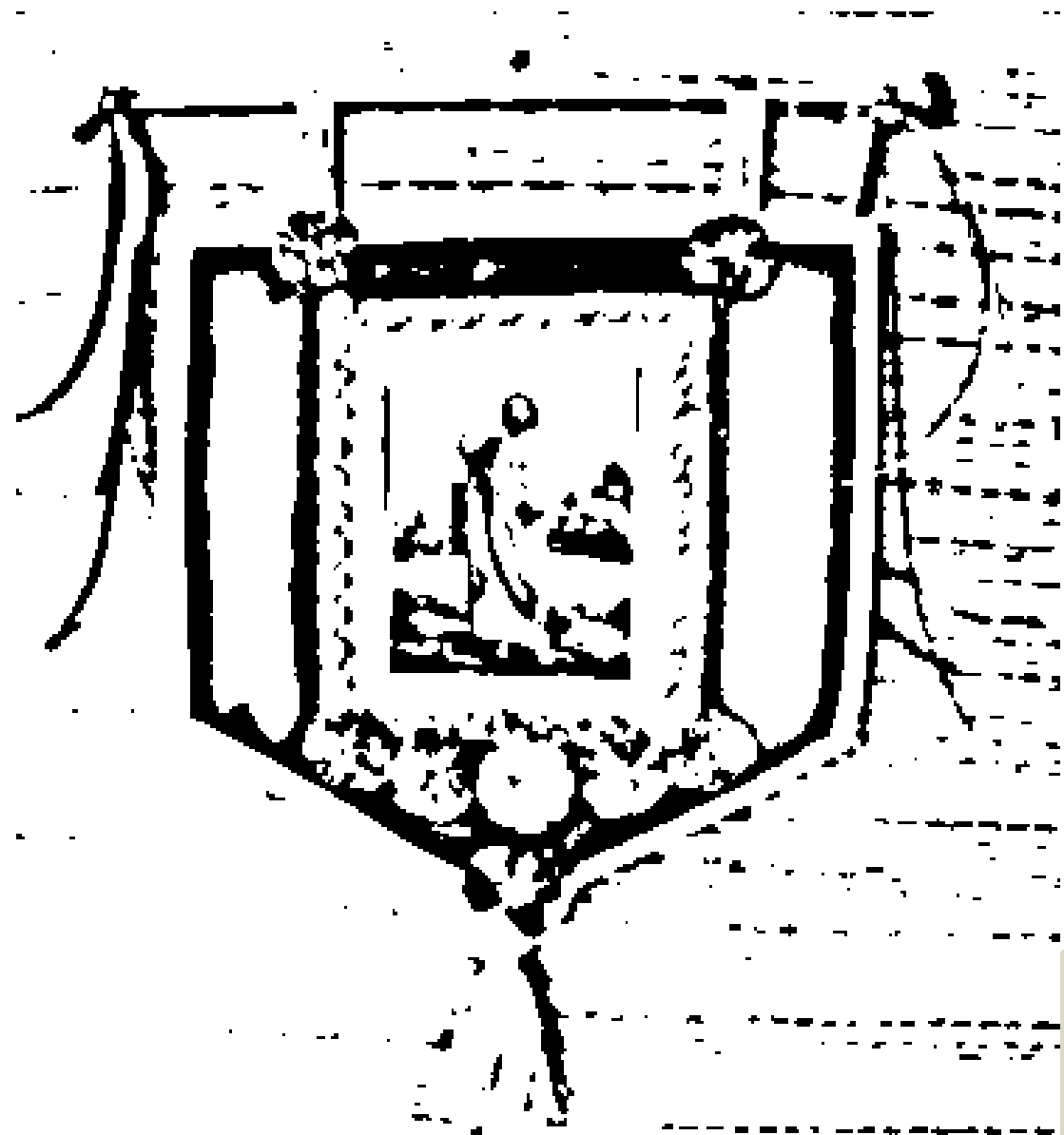
Mas eu estava resolvido. Apesar da conversa boa de Juca e dos olhos de sua filha, eu parti. Precisava cumprir minha missão

o mais rápido. Já tinha muita saudade de vovó e do lugar onde sempre vivi. Juca me abraçou forte e me disse pra ir pras bandas do Comercinho do Bruno, ali eu encontraria maiores informações e como de fato encontrei. Perguntei-me como ele sabia dessas coisas todas vivendo naquele pé de serra?

Em Comercinho, me informaram que Esperidião tinha ido pras bandas de Salinas. A demora por ali foi pouca, o suficiente para descobrir que o povo já sabia do acontecido na Ponte do pasmado e na casa de Juca. “Aquele é o neto de Sá Ana, ele abaixou o topete de Joelão e atira feito Juquinha”. Era o cochicho no lugar e nunca entendi como as notícias correm tão rápido. Aproveitei da fama de vovó e sempre me apresentava como “O neto de Sá Ana”. Essas palavras sortiam um efeito milagroso. Todos me tratavam bem e me davam as informações de que eu precisava. Comercinho honrava o nome, mas tinha muitas plantações de fumo além da boa cachaça.

Ainda presenciei uma cena interessante por ali, uma comitiva de gente. Quatro animais cargueiros na frente e o povo atrás. Cerca de umas quinze pessoas, rezando e cantando uns benditos. Nas ruas apertadas estava cheio de gente acompanhando aquela devoção. Perguntei o que estava

acontecendo e me disseram que eram romeiros, gente que estava indo pra lapa do Bom Jesus lá na Bahia. Distâncias imensas e muitos dias de viagem pra ir e pra voltar. Mas o povo não media esforços para pagar uma promessa.



Acompanhei um tropeiro pra Salinas e suei bastante para ter alguma informação, a região era imensa e os fazendeiros protegiam gente daquela laia. Minha cara jovem não ajudava muito, tive que abrir caminhos na marra, mas depois de uma semana, o povo viu que eu sabia lidar com as armas que carregava, comecei a receber convites de fazendeiros para trabalhar como pistoleiro. Não aceitei. Mas fiquei sabendo por um deles que Esperidião havia fugido da sua fazenda e voltou para Comercinho. Não perdi tempo e sai no seu encalço, mas ele tinha dois dias de vantagem, em todo lugar só diziam que ele havia passado com muita pressa. Em Comercinho, disseram que ele tinha tomado o caminho de Medina.

Dessa vez tive que demorar um pouco mais na região, meu revólver teve um pequeno problema, talvez pelo tempo guardado e depois uso intenso, pois, depois da última lição de Zé Piqueno, eu treinava muito. Um ferreiro velho do Comercinho olhou, mas não estava no seu alcance e me informou um tal de “Zé Ferreiro”, que, apesar de novo, era afamado, poderia dar jeito.

Esse Zé Ferreiro era morador lá pros lados da Água Branca e pra lá eu fui. Cheguei lá já de tarde e ainda tinha gente esperando serviços. Dois rapazinhos revezavam no fole de enorme labareda, o “Zé Ferreiro” batia as ferramentas. Fiquei por

ali conversando e só depois que todos saíram é que eu falei do serviço e ele pediu pra olhar, pegou uma chave de fenda e um alicate e começou a desmontar o revólver, depois com a mesma paciência colocou tudo no lugar. Disse que não iria consertar.

O problema não era na estrutura da arma e nem peça quebrada, que aquilo era mandinga das brabas que tinham feito nela. Aí me revoltei de vez, falando que minha avó Sá Ana tinha me prometido que era uma boa arma. Ele disse que realmente era uma das melhores que ele já tinha visto, dado a idade dela, mas que aquele serviço Sá Ana mesma dava jeito pra quebrar a mandinga, não precisava eu ter ido tão longe.

— Não vim tão longe só para consertar a arma, estou em missão encarregado por Sá Ana, estou perseguindo Esperidião.

Daí a conversa mudou de rumo. Ele deu um sorriso forçado dizendo que eu precisaria dormir por lá, não precisava me preocupar, pois era de costume muitas pessoas dormirem em sua casa à espera de serviço, quando ele não dava conta durante o dia e as pessoas moravam longe. Como aquele servicinho era um pouco demorado, além de sestroso, pois tinham feito forte coisa na arma.

Ele iria fazê-lo à noite, apesar dele não gostar daquele tipo de serviço, mas por causa de vovó e como eu não poderia voltar pro Largo logo, ele iria cuidar da arma.

— E o senhor enxerga a noite?

Com a mesma paciência, respondeu:

— Você ainda é muito jovem, mas compreenderá logo que tem um inimigo muito perigoso; é que à noite tudo está mais calmo e as sombras guardam seus mistérios.

Deve de ter percebido minha ignorância. Como não tinha alternativa, tive de ficar por lá aquela noite. No fundo eu estava gostando de ouvir aquele homem de poucas palavras, mas que diziam tudo. Consciencioso e manso. Parece que escolhia as palavras pra perguntar e responder. Tem é tempo que não encontro mais com gente daquele modelo.

Bem mais tarde, quando os meninos já estavam se preparando para dormir, ele pediu que eles pegassem folhas de fumo, algodão, andu e guiné. Enquanto isso ele desmontava novamente a arma com aquela lentidão como se não quisesse terminar. Depois, ele mesmo saiu, pegou ervas que eu não vi quais eram, mexeu nos seus guardados e pegou raízes, cera de Jataí e outras coisas; reavivou o fogo no fole e começou a

queimar aquilo tudo. Pegou a tenaz e começou a pegar peça por peça e levar na fumaça produzida pelas ervas, continuou ali naquele ritual, até não sei que horas.

Fui dormir meio desanimado com aquela situação, sinceramente não acreditava que ele desse jeito naquela mandinga toda, mas ele ficou naquela labuta como se conversasse com a noite, às vezes deixava o que estava fazendo e saía pro terreiro e quando voltava continuava o serviço. No outro dia, quando levantei, ele já estava de pé há tempo.

Depois do café, ele me disse que o revólver estava pronto, que, de agora em diante, com mandinga naquela arma eu não tivesse mais que me preocupar. Quase que não acreditei quando ele me apresentou o revólver todo oleado e contando certinho como se fosse novo. O que senti, foi uma grande satisfação, realmente o homem era tinoso; conhecia o segredo das sombras da noite, mas se dedicava mesmo era com a luz do dia. Paguei e fiquei muito agradecido.

Ele disse que era por uma boa causa, por isso não recusou a empreitada, que aquele tipo de coisa sempre aparecia, mas ele não empreitava, pois o seu ofício era o engenho da ciência e não a mandinga do mundo. Perguntei de supetão, quando estava me

despedindo, de onde ele conhecia Sá Ana. Ele me olhou com muita calma e arrematou com muita cautela, mas muito saudoso.

— Foi em Araçuaí, eu era jovem, feito você e ela apesar de bem mais velha, ainda era muito bonita, isso já faz tanto tempo, mas o coração da gente não esquece a felicidade da juventude.

Apertei-lhe a mão e sai depressa, minha avó que parecia ser a mais santa das mulheres já havia despertado paixões em outros além de meu finado avô.

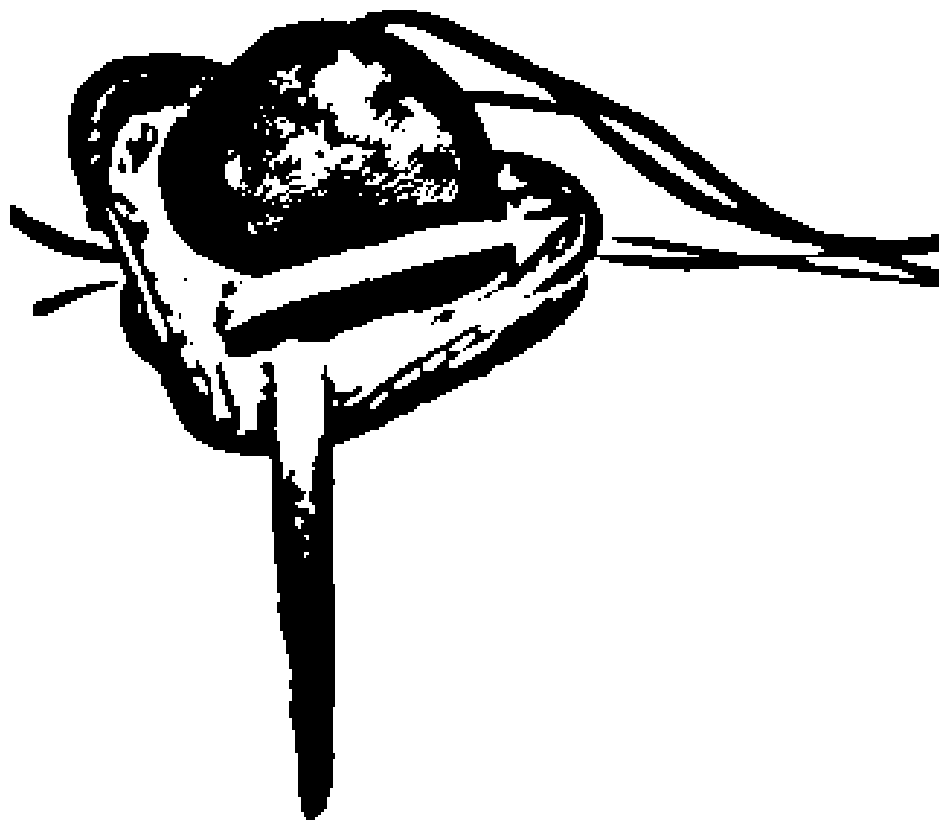
O dia estava bom para viajar e quando está assim tem que aproveitar, pois o sertão é assim mesmo, a gente se livra de uma montanha e outra já nos cerca. Eu apertei o animal, precisava chegar o quanto antes em Medina pra saber o paradeiro de Esperidião. Depois da mandinga que ele fez no meu revólver, com mais raiva eu fiquei.

Passei na Água Branca e, depois do Guede, encontrei com um homenzinho interessante, já de bem idade, ia montado num jegue, vestia um paletó velho e rasgado, com um chapéu de couro cru na cabeça, um bernal de lado, todo desajeitado, mas muito bom de prosa. Conversamos bastante, me ofereceu requeijão que aceitei, ele tinha outras miudezas nos alforjes. Dizia se chamar

Ludugério quitandeiro, pois gostava de fazer todos os tipos de quitandas. Mas tinha o apelido era de “Li do jegue”, coisa que ele não importava.

— Eh, eh, meu filho, o povo tem cada coisa!

Vivia de lugar em lugar, vendendo suas quitandas e ia ficar muito sentido de não estarmos indo para o mesmo itinerário, pois seríamos bons companheiros de viagem. Eu também fiquei sentido por esse motivo, mas não poderia demorar muito e ele disse que entendia.



Uma semana depois, fiquei sabendo de sua morte, ouvindo a conversa de um tal Migué rico, quando eu cortava o cabelo em Medina. O Migué Rico contava pro cabeleireiro sobre a morte de Ludugério quitandeiro.

— Quitandeiro era de fachada, estava era indo matar um dos “Costas” a mando de um fazendeiro, coisa de política.

— O homem não parecia, mas era perigoso, tinha muitos crimes nas costas, pistoleiro de profissão e disfarçado em cima daquele jegue, mas no lajedo raso, o jegue prancheou e o velho correu a cara lajedo abaixo, quando acharam já estava morto.

— Mas deixou um aluno que se tornou muito pior que ele, o tal do Esperidião.

Quase não acreditava que fosse o mesmo homem que eu tinha encontrado há uma semana, tão bondoso e humilde e agora saber que era um dos pistoleiros mais temidos dessas bandas. Quando escutei o nome de Esperidião eu remexi na cadeira e entrei na conversa, perguntando se eles não sabiam notícias desse homem.

Eles olharam espantados pra mim, dizendo que ninguém queria saber notícias daquela peste se não fosse para contratar os seus serviços, mas eu disse que a razão era outra, pois precisava

cobrar uma dívida antiga. Mais encabulados eles ficaram, mas me disseram que ele havia partido pro São Roque e era sempre difícil de achá-lo, pois nem a polícia dava jeito.

— É mesmo a polícia que vai ficar correndo atrás duma peste daquela com tanto serviço que tem pra fazer. Disse o cabeleireiro.

Em Medina fiquei pouco, a cidadezinha era bastante movimentada, muitos fazendeiros, muito gado e muito garimpo. Desde aquela época, já procuravam as famosas Águas Marinhas. Perdi pouco tempo na redondeza ouvindo conversa fiada, mas o que eu queria saber já sabia e parti pros lados de São Roque.

Em São Roque fiquei muito impressionado com o rio Jequitinhonha, pois a realidade correspondia com a fama, mas o que mais me chamou a atenção foi a enormidade de canoas e balsas subindo e descendo o rio, o que pra aquele povo era normal, pra mim era grande novidade. O rio era tudo para aquela gente. Dali tive notícias de Esperidião descendo pra Jequitinhonha e acompanhei um boiadeiro pra lá. Os dias iam passando lentos e eu, aborrecido com tudo aquilo. Quando eu chegava perto, Esperidião já tinha fugido.

De Jequitinhonha segui para Joáima e de lá adentrei pros lados de Pampã. Ali era mata e perdi muito tempo, pois as informações eram poucas e o acesso difícil, só se podia viajar durante o dia, pois na mata tudo era perigoso e um povo desconfiado danado, também poucos eram nativos dali, vinha gente de tudo que era canto e, quando descobri que Esperidião tinha me enganado de novo, voltei o mais rápido que pude para Joáima.

Joáima naquele tempo era um lugarzinho esquisito, ali todo mundo era valente, pelo menos se dizia, e eu já andava sem paciência de escutar conversa de valentia e causo de onça, o povo parecia não ter outro assunto. Os fazendeiros incentivavam aquele tipo de coisa e eu mesmo pude presenciar alguma encrenca por ali, mas de gente de fora.

Agora eu tinha poucos problemas com gente encrenqueira, pois já me respeitava mais, quando ficava sabendo que eu estava indo pra algum lugar a ruma de fuxiqueiro espalhava a notícia e, quando eu chegava, muita gente já tinha ouvido falar. Nem eu mesmo sabia como eu tinha adquirido tanta fama de valente e às vezes eu escutava uns e outros falando que aonde o neto de Sá Ana passava fazia um arraso, eu costumava dar risadas de mim mesmo.

Passei em Jequitinhonha e dentro de pouco tempo estava novamente em São Roque, onde me disseram que Esperidião tinha o corpo fechado, além do diabo que lhe contava tudo. Mas dessa vez ele tinha ido pras bandas de Itinga e pra lá fui sem perder mais tempo. Quando cheguei, fui direto ao boteco mais próximo tomar uma pinga. Não que fosse bebedor, mas eram os melhores lugares para obter informações.

Ainda não tinha acabado de beber a primeira pinga, ouvi um alvoroço na rua, alguns tiros e gente correndo, saí na porta pra ver o que era e num canto de rua estava um enorme cachorro babando de tanta loucura, outro botequeiro tinha perdido uns tiros nele e voltou envergonhado, era homem de negócios e não de armas. Pensei em dar-lhe um tiro e acabar com a confusão, mas isso seria fácil demais, de onde eu estava poderia fazer isso e talvez poucos ali conseguissem a mesma coisa. Não tive muito tempo para pensar, quando já estava com a mão na garrucha, vi uma estaca de baraúna numa cerca velha, caminhei e a peguei.

Andei pro lado do cachorro e alguém dizia pra eu não fazer aquilo. Quando o cachorro percebeu minha presença e resolveu reagir já era tarde, a estaca já encontrou com sua cabeça no ar, ele tombou agonizante e lhe dei outra porretada final. Naquele tempo, cachorro doido era fera sem tamanho, não tinha

vacinas, só matando mesmo. Ali já chegava bastante gente, com suas espingardas e o teria arrebatado com certeza, mas ficaram admirados diante de minha coragem, na verdade nem era coragem nenhuma, era só um meio de conseguir notícias sem muito esforço.

O botequeiro nem quis cobrar a pinga e a conversa correu frouxa, vinha gente me ver e cumprimentar, “tão jovem e tão corajoso”, e aquilo eu me enchia de vaidade, não era nada daquilo que eles diziam, mas era jovem... Não demorou muito e entrou um sujeito portas adentro, meio apavorado, dizendo que Procópio estava de encrenca com um sujeito de fora. Apressei em sair, pois esperava que esse fosse o mesmo Procópio que desafiou vó Sá Ana, quando eu ainda era menino, e há muito que gostaria de lhe fazer umas perguntas e, com certeza, ele saberia do paradeiro de Esperidião, se é que os dois não estivessem juntos.



O povo dizia pra eu não ir, pois o homem era perigoso. Até aí eles não sabiam quem eu era. Só quando eu disse para não se preocuparem comigo, pois Orestes, o neto de Sá Ana, não tinha medo de ninguém é que os olhos deles se abriram e com maior admiração ficaram. Antes mesmo de eu sair do boteco, ouviu-se tiros, e apressei-me, pois Procópio tinha aprontado mais uma das suas.

Mas, quando cheguei ao local da confusão, vi que eu tinha perdido meu tempo, pois Procópio tinha tido menos sorte e já estava a caminho do inferno. O outro sujeito estava bem tranquilo, disse que não teve jeito, que Procópio era muito mal-educado, mas disso todos já sabiam.

Perguntou-me se eu era amigo do falecido e eu disse que não, só precisava fazer umas perguntas a respeito de Esperidião, mas agora nem isso eu poderia fazer. Tanto o homem, um tal de Miguel do Córrego da Onça, como o botequeiro me olharam do pé a cabeça e ficaram receosos. Eu os acalmei dizendo quem era e o que pretendia. Ambos já tinham ouvido falar em Esperidião e me preveniram a ter cuidado com aquela peste. Mas o que mais me deixou encucado foi o fato de todos afirmarem que Procópio não tinha nenhuma ligação com Esperidião que eram até desafetos um do outro.

Voltei a escutar que ouviram falar de mim, sobre o acontecido na Ponte do Pasmado e nos outros lugares e, é claro, sempre aumentava muito a história. Daí fui descobrir que eu já tinha quase feito a volta na região, já não estava muito longe da Ponte do Pasmado. O tal de Miguel disse, humildezinho, que não sabia da história de vovó com Procópio e nem que eu estava ali, dizia quase pedindo desculpas por ter matado Procópio antes de eu chegar.

— Não era homem de ficar atrás de uma moita esperando pra acertar conta à traição, passou anos correndo mundo até aquele dia, pois só matou aquela peste por causa de encrenca antiga, era “negócio do coração”, que não poderia ser resolvido de outra maneira, nem delegado a outro... Aí eu entendi tudo.

Ainda demorei em Itinga, primeiro precisava descansar um pouco, depois, segundo informações, Esperidião tinha ido pras bandas de Araçuaí e mesmo se ele voltasse teria de passar por ali. Isso me deixou mais aliviado. E ali tinha um povo bom danado, gostador de fazer amizade. Por lá, encontrei um homem interessante, pelo menos curioso, vivia fazendo santos e peças de barro na beira do Jequitinhonha.

O homem era bom de conversa além de engraçado. Eu procurava um São José e ele me vendeu um Santo Antônio, dizendo que santo era tudo a mesma coisa, o que importava era a fé e ele estava em falta de São José, pois o forno tinha caído e quebrado os santos todos, aquilo foi um prejuízo danado.

Fiquei admirado como aquele sujeito, era esperto para fazer as peças e também para vender. Ali cabia o dizer de Vó Sá Ana. *“Todo povo se alimenta daquilo que inventa”*. Depois de um bom descanso, parti para Araçuaí, nunca tive vocação para música, mas não pude deixar de admirar os canoeiros que não cansavam de cantar na maioria das vezes cantigas tristes que falavam de despedidas e saudade.

“Canoeiro ai...ai ai ai Canoeiro

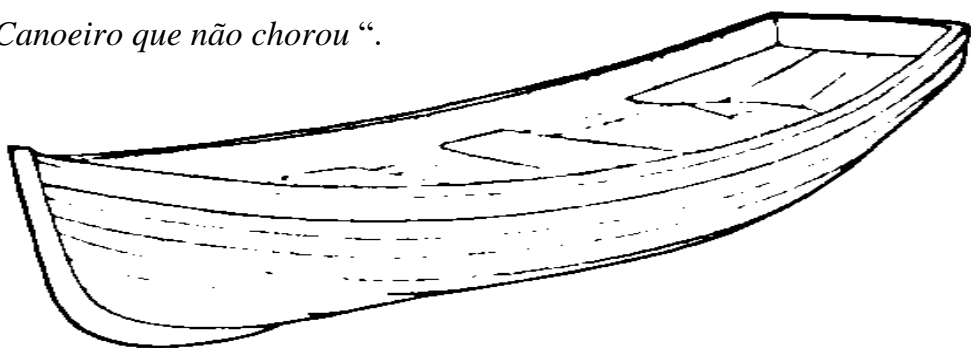
Canoeiro vai remando

Canoeiro já remou

Canoeiro chora é de saudade, ai

De saudade não há, ai

Canoeiro que não chorou “.



Seguia sempre este clima festivo, mas quando vi o rio Jequitinhonha abraçando o rio Araçuaí fiquei maravilhado, pois sou gente acostumado com lagoa e córrego, o povo dava risadas do meu espanto. Em Araçuaí me deparei com situação nova, o lugar já era bem grande e o movimento enorme, gente de tudo que era canto passava por ali.

Para mim era tudo diferente e fora dos meus costumes, mas agora eu não podia me amofinar, já que estava lá o jeito era enfrentar. Outro empecilho era o dinheiro que estava ficando curto, tive de ficar na pensão mais barata que encontrei. Na verdade, não era nem pensão, mas uma casa de moças, você entende, né!?

O lugar era comandado por uma senhora de bem idade, chamada Luzia, e foi pra ela que, quando saí de lá, doei o Santo Antônio e não tenho como descrever a alegria dela naquele momento. No início, fiquei um pouco receoso, mas ela disse que de vez em quando ela hospedava gente por lá e como tinha um quarto separado, que eu pudesse ficar com ele e, como eu também não tinha pra onde ir, fui ficando.

Aquela senhora era muito boa. Tratava-me muito bem e quando ficou sabendo que eu era o neto de Sá Ana os cuidados

redobraram. Disse ser muito amiga de Sá Ana, apesar de ter tanto tempo que não mais se viam. Sá Ana vivia ali com ela, até o dia que apareceu aquele boiadeiro e se apaixonou por ela, já haviam aparecido outros pretendentes, mas foi por aquele que Sá Ana se encabulou.

Morando num lugar daqueles não pude deixar de ver e aprender algumas coisas. Havia algumas daquelas moças muito bonitas, e o coração da gente é um bicho cheio de estripulias, às vezes, dá cada pulo que a gente nem espera, mas desse assunto de intimidade eu me reservo o direito de não falar com você.

— Pois bem, senhorita Artemísia, minha prosa é assim mesmo ligeira, falo tudo no atacado. Pega tudo isso e vai repartindo ao retalho, onde eu exagerar, a senhorita pede um desconto e onde eu esquecer a senhorita me devolve o troco. Só não se esqueça das festas e dos santos de junho, das flores nos paus d'arcos de agosto para setembro; no dia de são Miguel é dia de chuvas e aí pode começar fazer as plantações das águas; dia de Nossa Senhora Aparecida é dia para ser guardado; as gabiobas chegam ao mês de novembro; lembre-se também do menino Jesus para o dezembro; janeiro tem melancias, milho e feijão verdes e cuida bem de santo Reis e de são Sebastião; em março olhe bem o dia de são José e as chuvas das neblinas.

Veja bem esse candeeirozinho que era tocado com azeite de mamona e iluminou tantas pessoas, depois que apareceu a querosene, foi abandonado, agora com luz elétrica ninguém mais se lembra de querosene.

— Eita! São os mistérios do tempo.

Sinta bem o sabor dessa farofinha de andu com torresmos, respire fundo e descobrirá que as noites aqui no sertão têm esse gosto e o resto eu já te conto.

Pois é, a coisa apertou de vez e tive de procurar serviço. Encontrei muitas propostas de fazendeiros, mas o objetivo deles era simplesmente o uso de minhas armas e não aceitei. Trabalhei uns tempos num garimpo e descobri que Esperidião tinha ido pras bandas de Sucuriú, rumando pras Minas Novas, mas agora não tinha condições de ir procurá-lo, porém encomendei gente para saber notícias e de quando em quando que eu ia à cidade ficava sabendo tudo.

Do garimpo parti para uma fazenda onde se dizia que o dono costumava dar serviços a quem aparecesse procurando, pois era um dos pouquíssimos ricos e não tinha preconceito com ninguém. De tanto ouvir falar, que resolvi verificar com os próprios olhos, e um dia pra lá fui. Isso era pras bandas do Lufa.

Na estrada passei numa venda e vivi uma situação complicada, quase como em Ponte do Pasmado, mas quando entrei na venda já encontrei a situação. A melhor posição de se tomar já estava ocupada e tive de me contentar com o outro lado do balcão numa situação bastante desagradável para quem não quer ser pego desprevenido. Depois que tomei uma pinga e já estava quase de saída, arrumaram uma confusão lá entre um grupo que estava no melhor posicionamento.

Quando fiz menção de sair eles deram por mim e começaram a jogar pilherias e como nunca gostei deste tipo de coisa, já fiquei enfezado, mas o grupo deles era bem grande e eu sozinho não tinha como enfrentá-lo, o melhor era ir mesmo andando. Mas quando estava quase na porta escutei algum deles dizendo que era um covarde, um covarde a mais que saia da venda naquele dia.

Virei de repente e sem pensar, esqueci as lições de Zé Piqueno e respondi à altura. No primeiro momento, ouve um silêncio terrível entre eles que não esperavam uma reação daquelas, mas depois começaram a rir. O mais animado deles tomou a dianteira do grupo me enfrentando e daí percebi a falta de organização deles, ou o desprezo pelo adversário, o mais certo seria a segunda opção, pois o que se adiantou ficou na frente dos

outros e no caso de alvejado até que os outros reagissem de acordo que a situação exigia já teriam perdido muito tempo.

Eram seis e eu planejava acertar os seis tiros ou então estaria morto. Abri a capa bem devagar para não ter nenhum gesto que pudesse despertar suspeita. Quando o meu revólver apareceu por inteiro um deles assoviou e disse:

— Esse menino não anda pra brincadeira.

Mas aí eles também estudaram os seus movimentos, aliás, ficaram todos parados e eu provoquei que quem tivesse mais coragem fosse o primeiro.

Como eles não se mexiam, percebi que havia algo de errado e pensei que tivesse caído numa armadilha e como de fato, se fosse o meu dia seria a pior armadilha de minha vida. Ouvi uma vozinha irritada entrando e pedindo para todos se sentarem no banco, que o negócio ali era com ele.

— Eta, aroeira! Eta, cerne brabo.

O homenzinho era engraçado, parecia mais um espantalho, vestido de vaqueiro, com um chapéu de couro cru na cabeça e uma arma enorme pendurada, tudo naquele sujeito era exagerado.

Virou pra mim e disse:

— Acalma, rapaz, já resolvi situações piores, sou eu quem comanda esse grupo e esses meninos, são bons, mas ainda não sabem beber.

— Pois devia ensiná-los coisas melhores.

Ele me olhou dos pés à cabeça:

— Só pode ser Orestes.

— Por que acha isso?

— Ninguém da tua idade em todo o sertão ousa falar com Juvêncio, desse jeito.

E de fato quem não tinha ouvido falar em Juvêncio dos Montes Claros? Homem chefe de um bando perigosíssimo, de muitas mortes e muita justiça ao seu modo.

— Não errou no seu cálculo.

— Sou homem de pouca conversa, creio que já percebeu, estou aqui em missão especial, e pelo o que ouvi falar de você, gostaria muito que fizesse parte dos meus, somos gente simples, mas de muita honra. Um homem feito você seria de grande valia, pois dentro em pouco faremos a revolução.

— Tenho um respeito muito grande por todo lugar que passo, mas tenho dificuldade nas cidades, pois a polícia me tem como inimigo e você resolveria boa parte dos nossos problemas. Ainda há pouco, vi sua habilidade para negociar uma situação, precisamos de políticos que saibam negociar e têm energia para resolver problemas urgentes, pois os inimigos do povo são muitos. Poderia ter deixado meus homens acabar com você, mas recuei, conhecendo a história de meu falecido avô, que por esquentamento de um dos seus, dizimou um bando inteiro enfrentando um homem só.

O homem era tudo o que diziam dele, muito tinoso e me senti lisonjeado, se não fosse a minha missão o teria acompanhado. Falei pra ele de minhas dificuldades e de minha missão. E ele disse que isso não era nada, dinheiro ele conseguia se eu quisesse, dentro de uma semana no mais tardar, ele mandaria trazer para mim a orelha de Esperidião.

Mas eu recusei a proposta, dizendo que era muito pessoal e só eu poderia resolver aquilo. Despedimo-nos cordialmente e ele me fazendo mais propostas, que quando eu cumprisse a minha missão era só partir pras bandas de Montes Claros e procurar por ele, pois precisava de um homem como eu. Quando já estava montado ele fez a última proposta e eu me pus a refletir.

Ele precisava que eu acompanhasse uma pessoa até a Barra do Pontal, lugar de encontro do Jequitinhonha com o Araçuaí, ali já havia outras pessoas esperando e depois que eu seguisse o meu rumo, o serviço era simples e ele pagava bem.

Ainda perguntei o porquê de tanta confiança. E ele simplesmente disse:

— Uma urgência! E além do mais ninguém enganava Juvêncio.

Aceitei o serviço e ele me pagou adiantado e realmente pagou bem. Daí chamou por Helena, para meu espanto. Se eu soubesse que era uma mulher não teria aceitado.

Dos fundos da venda vi surgir uma mulher muito bonita, devia ter alguns anos a mais do que eu, mas aquela maturidade só realçava mais a sua beleza. Montava com muita elegância. Corpo esbelto, pele negra, cabelos crespos e encaracolados, olhos negros e impenetráveis, não era baixa e nem alta, típica mulher do Jequitinhonha. E desde aquele momento eu já imaginava que não seria fácil aquela empreitada.

Colocamo-nos em marcha, era época de grande estiagem, a jurema havia caído a folha e quem não conhecesse a região pensaria que seria impossível viver por ali, o sol intenso e as

sombras poucas. Tivemos que ir bem devagar descansando aqui e acolá. No meio daquela paisagem rústica, a timidez foi dando lugar a uma conversinha mansa e despretensiosa.

Era difícil conceber naquela região e época que uma moça daquela idade ainda fosse solteira, por ali se casava muito cedo. Aos poucos ela me explicou que o seu Pai Juvêncio havia passado por lá quando jovem, conheceu sua mãe e se apaixonaram. Mas Juvêncio não tinha como viver em um único lugar e partiu, sempre voltava por lá.

A sua mãe faleceu mais de saudade do que de doença, seus avós acabaram de criá-la, Juvêncio prometeu buscá-la, mas dizia que ainda era cedo. Ela foi presenciando a injustiça daquela terra e Juvêncio foi lhe ensinando que havia outro caminho de mudar a sua vida e a do seu povo. Achava-se uma guerreira e por isso não pensava em casamento, até porque ainda não tinha encontrado alguém que tivesse os mesmos objetivos e assim o tempo ia passando. Agora é que deu certo de Juvêncio vir buscá-la, pois estava na hora de se preparar para a revolução. Conte também a minha história e acabamos nos achando parecidos e com muita coisa em comum, mas essa história de revolução eu achei uma piada.

Até que a viagem foi tranquila, apesar de eu achar que Juvêncio tinha gastado um dinheirão sem necessidade, pois Helena não era do tipo que precisaria de alguém para cuidar dela, por trás daquela mulher frágil havia um gênio indomável e para um bom observador logo descobriria que por baixo daquelas vestes, além da beleza feminina, havia também uma arma de grosso calibre que ela não hesitaria em usar quando necessário.

Chegamos a Araçuaí à noitinha, minhas suspeitas foram se confirmando. Helena passou a noite toda fazendo contatos às escondidas em algumas casas e quando o dia estava amanhecendo partimos, disse que preferia dormir no mato do que na cidade, mais intrigado eu fiquei e concluí que ela não era a moça ingênua que sempre viveu na roça como teria dito e se realmente tivesse uma revolução aquela moça estava mais do que preparada, mas isso não era da minha conta e preferi não ter tido conclusão nenhuma.

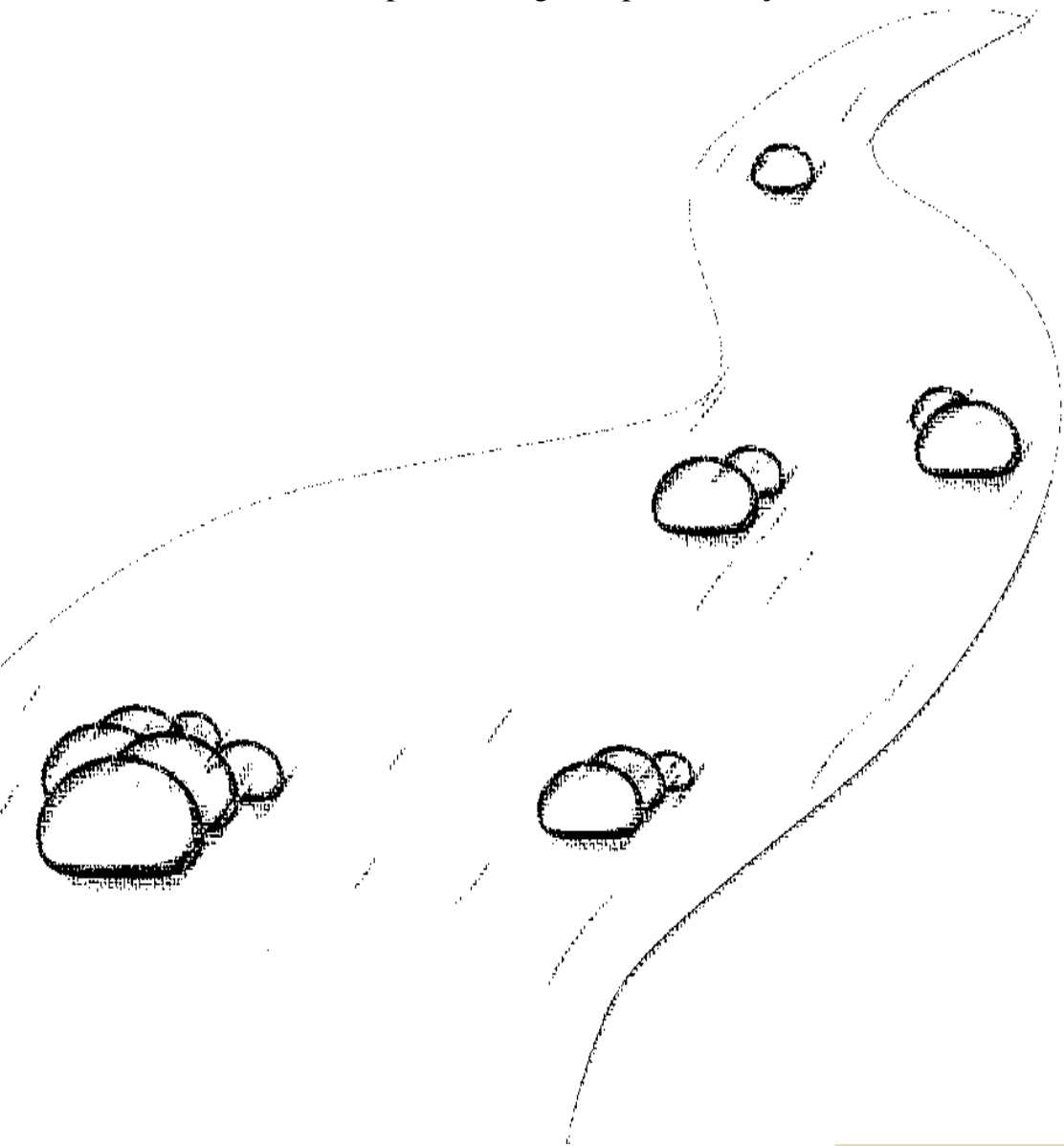
Quando ela acordou já era pelo meio da tarde. Estávamos na beira do rio Araçuaí, d'onde pretendíamos descer para a Barra do Pontal. A moça espreguiçou bastante e despertou o desejo de tomar banho no Araçuaí. Parece que adivinhava meus pensamentos, pediu para eu ter um pouco mais de calma, pois logo estaríamos em viagem. Eu já estava louco de vontade chegar

ao lugar marcado e me ver livre daquela empreitada. Helena ia além da minha capacidade de pensamento, sem falar do quando mexia comigo enquanto homem.

Subimos o rio até encontrar um lugar bem escondido, onde ela pudesse tomar o seu banho sossegada. Mantive uma distância razoável e, para esfriar um pouco os pensamentos que eu tinha em Helena se molhando, resolvi me molhar também. Desci um pouco mais o rio e imaginei que com um banho rápido, Helena nem perceberia, pois com certeza ela demoraria um tempão.

A água estava convidativa e entrei nela com vontade, tanto que consegui esquecer um pouco aquela chama que queimava meus pensamentos. Estava tão entretido que quando senti o barulho nas minhas costas já estava tão perto que não dava mais para reagir, o susto foi enorme e mais sem reação fiquei quando me deparei com Helena ali à distância de um abraço. Aqueles olhos negros foram me envolvendo, automaticamente nossas mãos foram se dando, os dedos se entrelaçando uns nos outros, as nuvens foram tampando o sol num cinzento azulado e o mundo parou intenso na tarde infinita...

Quando nos despedimos na Barra do Pontal, Helena disfarçou uma lágrima e eu parti logo para não desistir de minha missão, mas tinha no coração uma alegria que nunca tive e uma leveza indescritível, o amor transforma as pessoas e aquela mulher tinha em seu poder a magia de partir corações.



Voltei pra Araçuaí naquele dia, pensando em partir rumo ao Lufa, mas ainda demorou um tempo pra isso, pois a chuva naquele ano pegou mais cedo. Ninguém acreditava que por meados de setembro fosse chover, esperava pro dia de São Miguel, mas o tempo mudou de repente. A chuva caiu, foram vários dias seguidos e fiquei impossibilitado de viajar.

Quando a chuva passou, eu segui meu caminho rumo à fazenda de Onofre. Só muitos anos depois é que ouvi falar de Juvêncio, mas não sei se vai ter paciência para escutar tudo.

— Conte, conte tudo, tenho tempo e paciência.

Eita! Esse povo que fica pondo história em pesquisa, gastando tinta em papel e pra quê? Pra memória? O que esses professores têm na cabeça de ficar incentivando estudante a pesquisar gente velha? Os tempos estão mesmo mudados.

Pois bem, então segui pro Lufa. Fazendão imenso... cheguei à casa de Onofre já quase na hora do almoço, antes de chegar à casa encontrei várias pessoas trabalhando, mas me chamou mais atenção num senhor que trabalhava na beira da estrada com três moças e supus serem suas filhas e como de fato eram. Parei o animal e perguntei se era fácil encontrar com o

dono da fazenda naquele dia, ele respondeu que sim, que Onofre estava na fazenda naquele dia.

Fiquei bastante animado, pois precisava do serviço, falei com o homem sobre a questão do serviço e ele me disse que serviço era o que não faltava por ali, que eu pudesse chegar para a casa, que com certeza iria encontrar com o senhor Onofre e isso mesmo eu fiz. A casa era uma casa velha, bonita e conservada apesar do tempo, no curral encontrei um sujeito cuidando de um cavalo.

Ali tinha um tronco onde amarrei o meu cavalo. Conversei com o homem, perguntei de Onofre, ele me falou que Onofre estava por lá mesmo, na hora do almoço eu o encontraria. Perguntou se eu não conhecia Onofre e quis saber minhas intenções com ele, achei muito justo em se tratando de um homem tão importante igual Onofre, falei do que me levou até ali e ele disse que eu esperasse que logo o encontraria.

Não demorou muito e fui chamado para o almoço e para minha surpresa Onofre era justamente aquele homem que trabalhava com as filhas na beira da estrada. Fiquei muito sem jeito e ele disse para eu não me avexar, aquele era um costume aprendido dos antigos que ele preservava, pois na maioria das

vezes o povo se preocupa mais com os nomes e títulos do que com as pessoas e se alguém chegar com más intenções para com ele e não o conhecer fica mais fácil de livrar.

Geralmente, as pessoas procuram o escondido, quando está muito à vista, na maioria das vezes passa despercebido. Achei justo. Fui contratado. Só duas pessoas moravam perto da casa de Onofre por não terem famílias e fui encaminhado para morar com elas, os outros agregados tinham suas próprias casas.

Um deles era Orozino, apelidado de “Pernambuco”, lugar onde nascera. O outro era Joaquim duro, esse era *jequitinhonhês* mesmo. Dois homens tristes de histórias tristes. Pernambuco dizia ter saído de sua terra na época da fome, veio vindo com os pais e parentes. Muito tempo se passou, os animais foram morrendo, as pessoas também. Só ele e um velho tio entraram no Jequitinhonha.

Trabalhando daqui para ali, um dia o tio se despediu e ele tocou em frente até encontrar Onofre e ainda jovens derrubaram meio mundo de matas por aqui. Contava com orgulho, os olhos brilhando e arrematava:

— São andanças e tristezas. Imensidão delas.

Esse Pernambuco era meio metido a poeta.

Pena que a gente não sabia que um dia ia precisar, senão tinha assentado em papel algumas coisas. Mas me lembro de uma poesia que ele vivia resmungando.

Lugarzinho distante

Perdido na imensidão

Ranchinho de pau a pique

Na beira do estradão.

Papai preparava os arreios

Para montar o caçula

Jumento e menino

Fraquinhos, desnutridos

Olhares tristes que ninguém adula.

Mamãe amarrava a trouxa
Precisava retirar
A meninada reclamava
De tudo que não podia levar.

Vovó vitória com um cacete
Bradava no auge da caduquice
Agripino meu jumento
Meu jumento Agripino
E essa é a mais trágica historia
Do meu tempo de menino.
Eh! Eh! Tempo que se foi...

— São andanças e tristezas. Imensidão delas.

Joaquim duro vivia com a família perto do rio Jequitinhonha até que um dia começou a chover e parecia que não ia parar mais, o rio foi subindo devagarzinho, tomou corpo e cercou tudo. Ilhados ali naquele topete de morro foram vivendo do pouco que tinham. Quando a água abaixou a febre saltou em

cima e fez um arraso na região, conseguiu escapar por milagre, mas os parentes se foram.

Sozinho no mundo, ficou frágil, vendeu a terra para o primeiro fazendeiro que apareceu por ali alargando mais as suas. Velhas raposas que engordam com a miséria dos outros. Dali para frente nunca foi mais o mesmo, nem poderia. Comprou revólver e partiu para a cidade, se afamou pela valentia e não houve quem não ouvisse falar dele naquela região.

Hoje é homem de confiança de Onofre e só vai até a cidade quando não há jeito. Joaquim duro gostava de contar história, mas era muito minucioso, detalhista por demais e umas histórias compridas que davam preguiça, pouca gente tinha paciência, mas de noite quando a gente já estava indo dormir eu apreciava. Às vezes acendia uma fogueira e a gente ficava ali proseando até tarde, de vez em quando Onofre vinha com a família também.

A maioria dessas histórias era de valentia e vingança e a gente nunca sabia se a história acontecia com outra pessoa ou se com ele mesmo, pois ele colocava tanta emoção no contar. Só consigo lembrar-me de uma dessas histórias e talvez nem lembre

direito, mas não leve a mal, são os anos e os esquecimentos, mas assunta aí: É a história de Justiniano:

Manhazinha manhosa, preguicenta... nas lonjuras sem fim do sertão. O homem estava sentado sob a sombra de uma laranjeira com um olhar perdido na imensidão... devagar, retirou do bernal um pedaço de fumo e começou a picá-lo sem nenhuma pressa. Depois foi esfregando e desfiando-o no covão da mão. Terminada essa parte, atacou uma palha de milho, cortou uma ponta, depois a outra, passou na língua, amaciou e colocou o fumo. Com o canivete, foi fechando o cigarro. Parecia que ele não queria nem terminar, mas quando pronto, atravessou-o na boca, acendeu e com a mesma calma foi baforando, num contraste com a fumaça do fogão a lenha que saía dos fundos do velho rancho.

Alguém chamou pro café. Pacioso ele foi. Tomaram-no em silêncio. Observava o teto e ruminava um dizer dos antigos que “em casa de valente não junta picumã”. Aquele dizer decididamente não se aplicava naquele rancho, picumã estava impregnado em tudo que era canto. Depois anunciou a partida. Havia muito tempo que ele havia regressado a casa paterna. Mas chegara o momento. As pessoas se olharam, ninguém objetou.

Pegou o alforje, atravessou-o na sela, montou e partiu. O animal parecia saber o caminho, sem nenhum esforço ia sendo guiado pelo estreito caminho que levava à cidade. Enquanto o cavalo ia levantando poeira num trote lento, o homem ia ruminado lembranças... muitas lembranças. Na mais dolorida, ele estava na cidade há exatamente dois anos. Totalmente embriagado — por motivos vários — mas o certo é que arrumou uma encrenca com o valentão do lugar.

Sabia que não tinha condições de enfrentá-lo, mas não pôde deixar de dizer o que pensava e por isso apanhou. Dois dentes quebrados. Quando teve uma melhora, foi ter com o delegado. Mas delegado acostumado com tantas quizílias de lugar pequeno não versou atenção. Aconselhou o homem pra ir embora e deixar aquilo pra lá.

Argumentou que não era a primeira vez que aquele valente fazia aquele tipo de coisas, sempre aprontava com os mais fracos, já estava tão acostumado a bater em bêbados e ele apesar de estar bêbado não era sempre o seu costume, mas o delegado tinha também os seus motivos pra não enfrentar aquele sujeito, deu o caso por encerrado. Dois longos anos se passaram.

Voltou pra casa do pai, plantou e colheu roça, mas não havia esquecido o fato. Nesse tempo, não havia bebido um só gole de cachaça e as lembranças se firmaram. Agora sabia por que motivo estava tão bêbado no dia que foi surrado — era coisa do coração — Depois da partida de Miguelina, ele sempre fazia isso com muita frequência, apesar dos conselhos dos pais. Mas o povo da cidade já até tinha acostumado com aquele tipo, que nunca perturbava ninguém, bebia, pagava, caía e o povo cuidava.

Nesse dia, tinha completado um ano que ela havia ido embora, abandonara-o. Ele mesmo ajudou-a arrumar as coisas e a levou na cidade d'onde partiu. Não tentou impedi-la. Se não estava feliz, que fosse... Motivo mais que suficiente pra encher a cara... Lembranças, tantas lembranças...

Mas aquele valente não tinha este espírito e de vez por outra estava surrando mais um bêbado. Assim também aconteceu com Justiniano.

Toda a cidade esperava alguma vingança, mas não aconteceu nada. Justiniano havia sumido nas brenhas do boqueirão de onde nunca devia ter saído — nem o delegado quis encrenca com o malfeitor — e com o tempo também caiu no esquecimento. Isso tudo ele ia ruminando e ruminando, a cabeça

chegava até a doer — pensar causa muita dor. Chegou à cidade noite já fechada. Com o mesmo passo lento guiou a montaria para um bar, onde bebia a maioria das vezes.

Entrou vagaroso como sempre e se ajeitou num canto do balcão, pediu cachaça que foi servida e não bebida. Ele sacudiu a bebida como bom conhecedor, cheirou e devolveu o copo ao balcão, olhando fixamente o líquido.

Ninguém disse nada, nem o dono do comércio o conheceu, barba e cabelo de anos por fazer. Esperou com a paciência que sempre o acompanhava até que o valente entrou no ambiente com o seu barulho e arrogância costumeiros. Mandou colocar pinga e bebeu como se fosse água, pediu mais.

Foi nesse instante que soou a voz intrigante do homem. Joazão voltou pro lado da voz, encarou o homem, mas não lhe dizia nada. Ríspido respondeu.

— O que quer que seja, já vou avisando que hoje não estou de bons amores. Justiniano apresentou-se e perguntou se ele se lembrava dele.

— Estou lembrado sim e você ainda foi dar parte pro delegado, como se ele pudesse fazer alguma coisa.

— Verdade, ele não pôde.

Joãozinho riu alto, riso solto e se ajeitou pra sorrir Justiniano de novo, mas só quando viu a arma na mão de Justiniano é que arregalou muito os olhos, mas aí já era tarde. Tiro na noite, uivos de cachorros e correrias. Delegado chegou apressado, olhou a cena, encarou Justiniano e aí ouviu.

— Sangue de bêbado também tem valor delegado. O delegado abaixou a cabeça e saiu... E daí a pouco se ouviu pelas ruas abandonadas o barulho das pisadas de um cavalo e foi a última vez que alguém teve notícias de Justiniano...

Quando ele terminava a história, Pernambuco dizia a sua pérola:

— São andanças e tristezas. Imensidão delas.

Eh! Eh! Tempo que se foi...

Aqueles dois, no início, ficaram estranhos comigo, depois começaram a me tratar bem, como se eu fosse uma espécie de filho que nem um nem outro puderam ter. Ali fiz de tudo e não rejeitei serviço e nem tinha como, pois Onofre e as filhas, sendo patrões, eram os primeiros a pegarem na enxada.

Diziam que o avô de Onofre era dono de escravos e o pai dele por reclamar do mau trato com uma escrava foi posto no tronco e depois expulso da fazenda. Foi acolhido por um casal de

negros que vivia nas brenhas daquele sertão. Só depois que o velho morreu é que ele voltou e tomou conta da fazenda. Que Onofre foi criado ali no meio dos negros que restaram na fazenda, pois os outros se embrenharam pela mata adentro, nos cafundós do sertão. Mas essa história ninguém da família de Onofre comentava.

Chegamos a um nível de confiança grande, e Onofre, de vez em quando, até me consultava a respeito de seus projetos, não era ruim, nem era bom, era patrão. Um dia mesmo me disse que iria construir uma nova casa, pois aquela em que morava foi construção dos antigos, além de que não suportava as exigências do tempo, tinha umas coisas que ele não gostava; muita gente o orientava a construir essa obra arrojada na cidade, mas lá ele tinha algumas casas e quase sem uso. O que é que eu achava disso?

Devolvi a resposta em pergunta, se ele, construindo uma casa na cidade, mesmo sendo um casarão como era moda dos coronéis, iria morar lá?

Ele riu um risinho irônico, como já tendo tudo pronto no pensamento, mas querendo o pensamento do outro:

— Num vou, não! Morrerei em meu torrão.

— Então?

Daí em diante, de decisão tomada, se apressou para a construção, mostrou-me o lugar e falou do projeto. O lugar era belo, no alto da colina do outro lado da baixada, perto do cemiteriozinho. Queria fazer uma casa com um grande curral na frente, reproduzindo a casa velha. Porém queria algo mais arrojado e espaçoso, gostaria de conservar a velha canjerana dentro do curral para servir de tronco para amarrar animal. Incentivei o projeto e ele me deu a incumbência junto com Joaquim duro de ir atrás de Jovelino.

Lonjuras sem fim, mata adentro. Jovelino era negro, alto e forte, estava lascando lenha quando chegamos e jamais vi machadeiro tão eficiente. Homem bom de humildade sem comparação. Era agregado de Onofre, mas naquelas brenhas em que morava ninguém dava notícia dele e diziam que como ele, tinham muitos outros que Onofre, de vez em quando, se lembrava e solicitava algum serviço.

Naquele dia na casa de dele, estava de visita um parente, gente dali de perto, já era um senhor, só vestido de calça amarrada com um grande cordão colorido, mas no pescoço trazia grandes colares e alguma espécie de patuá. Depois me disseram

que era capoeira. Gente de muitas crenças. Olhou pra gente e depois disse que eu tinha uma grande missão, ele até tentou explicar.

Não entendi naquele momento.

— Assuncê precisa se encontrar primeiro, antes de encontrar o outro...

Depois pediu pra ver a minha arma, não sei como ficou sabendo, estava bem disfarçada debaixo da capa. Joaquim Duro olhou pra mim e disse pra eu mostrar. Ele olhou, olhou, depois riu.

— Hum! Hum! Assuncê num anda só... arma bem batizada.

Depois se despediu e saiu, nunca mais vi aquele sujeito, mas fiquei bem encucado com seus dizeres.

À noite escutamos o rufar de tambores num boqueirão ali perto e Jovelino explicou que era seus parentes que viviam por lá, tinha jeito próprio de vida e num gostava de sair daquele lugar pra nada.



Não tomamos conhecimento com eles e no outro dia voltamos cedo e, é claro, a família de Jovelino veio junto. Dessa parte é a que eu mais gosto, pois desde aquele dia gostei muito da filha dele. Maria das Dores Silva, a mulher mais bonita que já encontrei. Começou com um namorinho besta e foi ficando sério. Eu que não queria me apegar a ninguém antes de cumprir minha promessa, já estava era gostando muito daquela moça.

Jovelino foi tirando as madeiras. Vieram outros e mais outros, os carros de boi foram roncando pelas estradas, puxando os materiais. Mandaram buscar pedreiros, carpinteiros e foi um movimento danado. A casa de Onofre foi tomando forma, a notícia correu, veio gente de longe para ver e quando ficou pronta foi motivo de grande festa.

Nessa época, eu sentia muita saudade de vovó, já tinha feito vários planos, mas o tempo ia passando e eu ia fazendo outros. Naquela tarde, um bando de periquito gritava no meio do anduzal e uma acauã agourava num pé de serra, aquilo era mau sinal. Sempre havia escutado que quando acauã está daquela maneira é que vai acontecer algo de ruim. No outro dia vi a acauã passando com uma cobra pendurada pelo pé e me certifiquei que realmente era um sinal.

Depois de todos esses acontecimentos tive notícias de Esperidião em Araçuaí. Acertei com Onofre, que ficou muito triste com a minha decisão de ir embora. Pediu para eu largar a vingança e seguir outro rumo, pois eu tinha muito futuro e ele me ajudaria. Mas nada disso me convenceu, arriei o animal e parti, não tive coragem de me despedir de Maria das Dores, mas mandei recado que quando tudo terminasse eu voltaria para buscá-la.

Meu animal andava ligeiro, nem precisa dizer que eu tinha pressa. Já tinha andado bastante, quando comecei a passar mal, primeiro um escurecimento de vista, depois veio uma tonteira e assim por diante e eu forçando o cavalo, até que em certo ponto não aguentei mais, firmei os pés bem no estribo e soltei as rédeas, debrucei em cima da cela e deixei que o animal seguisse o melhor caminho. Dali para frente, não vi mais nada e não sei por quanto tempo fiquei naquele estado.

Era patranha de alguém, mas quem seria?

Lembrei-me de vovó, porque ela havia permitido aquilo?

Mas não estava com disposição de pensar nisso, só queria me livrar daquela leseira toda. Num certo momento, o cavalo parou, senti que ele abaixou a cabeça, daí escorreguei da sela e

cai, com custo consegui me sentar, descobri uma árvore por ali, encostei-me a ela e senti o sono se apossar de mim. Quando acordei já foi com o sol alto, mas ainda estava muito fraco. Devagar as ideias foram se clareando e me lembrei de um artifício dos antigos.

Puxei o revólver e com muita calma e grande esforço mirei num galho daquela árvore e atirei, vi o galho tombando e quando senti a fumaça da pólvora entrando nas minhas narinas, fui impulsionado como uma mola e fiquei em pé, a leseira sumiu e eu me sentia tão bom quanto antes.

Só aí é que consegui entender a realidade, aquela árvore enorme em que dormi escorado era a grande canjerana que servia de tronco no curral de Onofre.

Pois aí estava!

O malvado não tinha concordado com a minha partida e queria ainda mais o meu suor.

Mas por que ele tinha aceitado sem questionar?

Havia algo estranho naquilo tudo e eu iria descobrir. Vi sair de dentro da casa de Onofre, Joaquim Duro e Pernambuco. Cada um deles de carabina nas mãos, se eu quisesse poderia alveja-los dali a distância não era grande, mas de que adiantaria?

Deveria ter outros e eu ainda nem sabia o motivo real de tudo aquilo e ainda há pouco éramos bons amigos.



Pulei a cerca do curral e segui para a casa, os dois me receberam de armas engatilhadas, mas meu assunto era com Onofre que já me esperava nervoso no alto da calçada, subi degrau a degrau, esperando uma solução que o comuniquei logo que estava de frente a frente.

O homem parecia fora de si e dizia que a solução iria acontecer naquele momento. Pediu-me para entrar, na varanda não havia ninguém, mas se ouvia conversa na sala. Quando entramos, fez-se silêncio e eu estranhei a ornamentação que tinha ali. A grande mesa estava arrumada para missa ou algo parecido e atrás dela estava um padre dando os últimos retoques para a cerimônia. Perguntei o que significava tudo aquilo. E Onofre, seco:

— Ainda pergunta! Tratei-te como um filho para você emporcalhar minha família, agora vai casar sim, depois pode sumir que não me importo.

Eu estava entendendo, mas não acreditando no que ouvia, sempre tratei as filhas de Onofre com muito respeito e de mais a mais sempre houve uma distância enorme entre a gente, sempre fui empregado e eles patrões. Ainda tentei argumentar, mas o padre fez um sinal que não e pelo estado de Onofre não adiantaria

mesmo. O jeito era enfrentar, o desespero tomou conta de mim e lembrei-me de vovó quando dizia que, o que tivesse que ser, seria. Agarrei-me com os santos, eu não poderia me casar naquele momento, minha questão com Esperidião ainda tinha de ser resolvida.

Onofre mandou chamar Maria dos Anjos, pois o padre não podia esperar mais, tinha sido uma sorte aquela missão ali nas redondezas, pois o havia livrado de ter que mandar buscar um padre na cidade. A moça chegou cabisbaixa, não olhou para ninguém e o seu pai pediu que começasse a cerimônia. Eu olhava aquele padre bondoso, tão preto que nem parecia ser padre.

Eu ia perguntando pra mim mesmo se haveria alguma solução, mas não conseguia imaginar nada. Só quando o padre descobriu a santa “Nossa Senhora Aparecida” é que clareou a minha cabeça e desse dia em diante virei devoto e nunca mais larguei essa santa que me é tão cara.

Fui olhando a santa, a negritude de seu olhar foi me despertando de um longo tempo... de uma viagem sem volta. O padre fez todos os preparativos e quando ia começar eu o pedi para falar, isso irritou ainda mais Onofre, mas o padre apelou pelo amor de Deus que aquilo era direito e tudo logo iria acabar.

Daí eu comecei, pedi a benção para a santa e em nome dela, da fé e da devoção de todos os presentes ali na sua presença, que Maria dos Anjos respondesse-me olhando para pra santa, se eu havia lhe feito algum mal? Tudo se quedou num silêncio terrível até que Onofre explodiu e disse que isso não vinha ao caso. O padre tateando uma melhor maneira de resolver aquele impasse veio em meu auxilio e com tanta calma pediu.

— Minha filha, aqui, diante da Virgem, responde essa pergunta e nós faremos logo esse casamento.



Aquilo era uma tortura para a moça, mas eu precisava ganhar tempo e até hoje agradeço a intervenção do padre que, iluminado pela santa, socorreu-me. Ela levantou a cabeça, os olhos suplicantes e de repente saiu correndo pro seu quarto e escutamos a batida da porta, a mãe e as irmãs correram também para acudir a pobre. Onofre não achava lugar e o padre pedia paciência. Com tudo aquilo, eu estava mais calmo e sentei-me.

O tempo parecia não passar mais até que veio a notícia lá de dentro que o culpado não era eu, era o primo João, estudante lá na Diamantina e que passava as férias sempre por lá. A notícia tirava um grande peso dos meus ombros, mas colocava o primo João numa enorme encrenca, mas quem o havia mandado a moça mentir culpando-me, só por que eu estava indo embora?

Os homens abaixaram as armas e Onofre me pediu perdão e para aproveitar a presença do padre eu poderia escolher qualquer uma das duas outras filhas e me casasse, pois ele não sabia como reparar o mal que me fizera e ainda me dava uma fazenda para eu começar a vida, podia escolher onde quisesse, pois ele não gostava de cometer injustiça.

Mas eu não queria nada daquilo, minha escolha já estava feita e assim foi. Não esperei mais e saí. Onofre ainda veio atrás

e com muita pejeja aceitei o dinheiro que ele colocou no meu alforje, pedindo para eu ficar, pois ele iria me ajudar. Mas eu já havia passado por toda aquela provação e minha missão estava tão atrasada. Risquei a espora no cavalo e parti. A viagem foi lenta, eu ia remoendo todos aqueles acontecimentos.

Minha estadia em Araçuaí foi curta. Com toda aquela demora, Esperidião passou e rumou para Itinga, com mais raiva eu fiquei. E enquanto eu bebia minha pinga numa venda entrou um jovem muito elegante de olhar ligeiro e esperto, acompanhado de um senhor que pelas aparências tinha muita experiência com as dificuldades da vida. Sentaram-se numa mesa mais ao fundo pedindo bebida, aquilo tudo passaria despercebido, mas um pensamento repentino me disse para observar melhor os dois e isso eu fiz. O barulho diminuiu e a gente só ouvia o cochicho da fofoca e aquela conversinha fiada, aquilo era mais estranho ainda e eu me posicionei melhor num canto de balcão.

Num dado momento, observei algo diferente do lado oposto à mesa dos dois homens a quem me referi, firmei melhor o olhar e vi surgindo o cano de uma arma por trás de uma sacaria amontoada ali e o alvo seria os recém-chegados. Agi mais por

impulso, sacando e atirando, a arma caiu no chão e o atirador encurralado teve de levantar as mãos e mostrar as fuças.

Mas pelo visto aqueles homens não precisassem de ajuda, pois assim que atirei, eles pularam feito gatos e num instante tinham armas em mãos enquanto os outros tentavam se recuperar do susto. O jovem pediu calma a todos e tirou do bolso um papel dizendo que era o delegado Joventino que tinha acabado de chegar para resolver algumas coisas por ali. Guardei a arma e cacei jeito de sair, mas ele me parou para agradecer.

Eu disse que só tinha feito minha obrigação, faria por qualquer pessoa. Mesmo assim ele ficou agradecido e disse que iria interrogar o homem para saber quem era que tinha interesse em sua morte, ainda queria saber de onde eu vinha e para onde eu ia, mas aí ele já estava indo longe demais. Mas mesmo assim falei de Esperidião e de minha missão.

Ele disse que sentia muito, mas se eu matasse Esperidião a lei iria atrás de mim e isso me fez rir e ele quis saber o motivo.

Ora, eu conheço cada canto deste sertão e a lei com o número de ajudantes que tem, não tem dado conta nem das quizílias das cidades. Será que o senhor mesmo iria se embrenhar por esses boqueirões a minha procura?

Ele me olhou com muita sinceridade e arrematou:

— Você é um caso sem jeito.

Só muitos anos depois é que encontrei com Joventino, mas isso é outra história. Não esperei nenhuma investigação do delegado e logo parti, depois de tanto tempo, tudo estava acontecendo de novo, com a diferença de que agora eu tinha muito mais vivência e o dia de encontrar-me com Esperidião não ia demorar. Ainda em Araçuaí um informante, gente de meu tio Justino vinha me pedir para não ir, estava com muito dinheiro e me oferecia para eu começar uma vida nova, pois pelo amor que ele tinha a mim e a minha avó, não queria me ver morto ou preso.

Mas nada me fazia desistir daquilo, enquanto eu não cumprisse minha missão eu não haveria de quietar-me. Já não tinha tanto afobamento e seguia com calma, mas com firmeza. Com o dinheiro que Onofre colocou no meu alforje eu não precisaria trabalhar por um bom tempo e daí não fiz mais parada em lugar nenhum, Esperidião tinha uma sombra no seu rastro e com certeza ele sabia disso.

Ele ainda conseguiu enganar-me algumas vezes, mas eu estava mais perto dele e com um erro qualquer que cometesse eu o pegaria. Em Itinga, encontrei outro informante, mas da parte de

vovó, pedindo para largar tudo e voltar, pois ela estava muito doente e essa notícia abalou-me muito, era uma decisão difícil, agora que estava quase conseguindo cumprir minha missão, vinha a doença de vovó. Mesmo com todo sofrimento, não larguei o rastro de Esperidião, daí não tive olhos nem ouvidos para outras coisas, como alguém que está vendo no dia claro eu seguia no escuro, até que Esperidião tomou o rumo de Tuparecê.

Ali tinha começado, ali terminaria. Eu podia sentir a presença de Esperidião, mesmo ele estando bem adiantado, mas eu já sabia que minhas andanças estavam chegando ao fim. Já cheguei em Tuparecê um pouco atrasado, pois alguém se adiantou e mal deu tempo de eu amarrar o animal, vi o povo saindo de uma venda às pressas, perguntei e me disseram que era Esperidião e corri para lá.

Ali tive surpresas. Esperidião estava no canto do balcão, preparado para o ataque como cobra acuada. E, no meio do salão, quatro pessoas da mesma família que começaram a discussão, eram os “caboclos”, que só andavam juntos e o mais velho e pai dos outros era compadre de vovó. Pedi para Pedro Caboclo para deixar aquilo comigo, pois tinha andado esse sertão quase todo e, aliás, a vingança era minha. Ele consultou os outros com um olhar e disse que estava certo. Era justo, eles só queriam a justiça

e como eu estivesse demorando eles não queriam ver Esperidião fugir de novo. Agradei. Quando eles saíram o dono da venda abandonou o local também, pelos fundos.

Depois de tantas andanças, finalmente eu estava frente a frente com Esperidião, mas esse era um sujeitinho simples, com roupas de vaqueiro, nem parecia ter tanta fama e o que mais me perturbou, foi a intuição de que eu já o conhecesse de algum lugar. Ele também não deu muita importância para mim e voltou a beber a sua pinga que estava no balcão. Aquele cinismo todo foi me deixando com mais raiva, mas eu precisava ter calma.

Quando o perguntei se estava pronto para morrer, ele respondeu simplesmente que sempre esteve pronto, mas que eu estava cometendo um terrível engano, havia cansado de correr atrás dele, quando o verdadeiro culpado sempre estivera ali ao alcance de minhas mãos.

Ah! Mais essa agora, eu não cairia naquele truque barato. Pedi que se preparasse, pois não acreditaria, nem precisava terminar o resto da mentira.

— Mas isso é verdade, e, aliás, talvez seja a primeira vez que Esperidião fala uma.

A voz vinha da porta junto com os passos de Juca, que se posicionou ao meu lado.

— O que faz aqui? — Perguntei.

— Só vim ajudar a esclarecer algumas coisas que você ainda não conhece. Por exemplo, que não foi Esperidião o culpado pela morte de seu pai e avô.

Eu estava ficando confuso, mas não acreditava em nenhum dos dois. Passei a vida inteira acreditando naquilo e até me preparei para a vingança e agora tudo parecia em vão? Porém, algo me dizia para entender melhor a situação e pedi esclarecimento.

Juca se adiantou:

— A nossa mãe, Sá Ana, não te contou toda a verdade, para te proteger. Éramos quatro irmãos: Eu, seu pai, Justino e Esperidião. Eu e Joãozinho sempre cuidávamos do gado com seu avô, Esperidião nunca parou em casa e Justino nunca largava nossa mãe.

— Naquele dia violento, eu estava viajando, Esperidião estava também nessas suas andanças intermináveis e só quem conhecia aquele negócio era Sá Ana e Justino.

— Foi muito fácil Justino colocar a culpa em mim. —
Falou Esperidião com ódio.

— A história é essa, meu filho, já notou minha semelhança com Esperidião?

Ainda estava faltando algo e perguntei:

— Por que vocês não mataram Justino?

Juca riu e arrematou:

— Mamãe não deixou, disse que tudo aconteceria no seu tempo, como não pude suportar aquilo, arrumei minhas coisas, mudei e jurei nunca mais voltar.

— Justino pagou gente para pôr a culpa em Esperidião, pois nunca deram certo e esse aí não teve como retornar e jamais pôde provar nada. De fato, nesse caso ele é inocente, mas já fez tantas coisas horríveis que ainda não sei por que está vivo.

Pois é, senhorita Artemísia, junta isso tudo e imagina como eu estava, não podia acreditar totalmente, mas não podia dizer que fosse mentira e eu ia me lembrando do quanto vovó rejeitava Justino. Eu precisava decidir sem demora o que fazer, tanto Esperidião quanto Juca esperavam por isso. É cada coisa na vida da gente! Pois bem, falei ao dois:

— Andei tanto atrás de Esperidião sem resultado e agora que encontrei não vou deixá-lo partir sem cumprir a minha promessa e já que o verdadeiro culpado é Justino vou matá-lo também.

Com essas palavras Esperidião se colocou em posição de defesa, Juca continuou com os braços cruzados e o silêncio cortava feito faca. Cada um sabia o instante exato e o que estava em jogo. Suei frio, avaliei bem o adversário, tive medo não. Saquei a arma. Esperidião também, mas antes de mim e de Esperidião alguém atirou. Esperidião perdeu o equilíbrio, pôs a mão no peito e caiu. Fiquei sem reação no momento, vi Juca guardando a arma e irônico como sempre foi me dizendo:

— Eu sempre digo que sou o melhor atirador que já nasceu por essas bandas, esquentar não filho, isso era coisa antiga e só eu poderia resolver.

Enquanto eu tentava xingar Juca, ouvimos um tiro enorme desses de clavinote e Juca riu alto como se enxergasse o invisível e disse:

— Sá Ana estava certa, esse é o tempo certo, sua missão Orestes está cumprida.

— Não Juca, não está cumprida nada, ainda falta Justino.

— Então corra, corra muito, mas acredito que não o encontrará vivo, se o conheço bem, esse tiro que acabamos de ouvir foi o seu fim.

Saí correndo, Juca me acompanhou até a rua e quando estava montando no cavalo, Juca me aprontou mais uma. Ali havia muita gente reunida se espremendo e cochichando e Juca gritou bem alto:

— Viva Orestes! O neto de Sá Ana, o homem que matou Esperidião.

E o povo elevou a voz num “viva” forte e ensurdecador. Como Juca poderia tirar proveito de uma situação assim para pregar mais uma mentira? Mas eu não tinha tempo de desmentir Juca, esporeei o animal e parti. A casa de Justino ficava no alto, finalzinho da rua. Casarão imenso de muitas portas e janelas e lá cheguei afobado e preocupado. Já havia por ali muita gente e minha preocupação foi se consumando.

Juca estava certo, Justino tinha disparado o clavinote na cabeça. Meu desespero era grande que nem conseguia pensar direito, montei novamente e parti sem direção, com um sentimento de derrota tão grande que não dá para explicar.

Eu havia descoberto uma verdade, minha missão tinha mudado de rumo, mas eu não consegui cumpri-la. Segui assim não sei por quanto tempo até que o cavalo parou para beber água e notei o barulho de água caindo.

Ali perto tinha uma cachoeira e rumei para lá. Desci do animal e só tirei as armas da cintura e entrei debaixo da água que foi devagarzinho tirando aquele enjoo de meu estômago. Por muito tempo fiquei ali até sentir frio. Fui saindo da água, muito mais calmo, o sol já tinha ido, mas estranhei o fogo que ardia num lajedinho perto e meu cavalo não estava mais sozinho.

Era mais uma presepada de Juca, mas que me ajudou muito. Eu tremia muito, mas Juca e sua filha Joana estavam com umas mantas que me aqueceram. Fizeram um chá forte, tosi e não quis, mas insistiram tanto que engoli aquilo e deitado naquele lajedinho passei a noite entre pesadelos e delírios. Quando o sol chicoteou meu corpo eu me levantei, fui até o rio, lavei o rosto, bebi água e o mundo já não rodava mais, a realidade estava diante de mim e eu precisava enfrentá-la.

— Filho a vida tem dessas coisas.

Levantei os olhos e vi Juca, já arrumado para viagem. Joana tinha os olhos em mim e aquele olhar me dizia coisas...



— Agora tudo vai se arrumar e eu gostaria muito de que você viesse conosco, temos lugar te esperando, Orestes, pois provou ser muito maior do que parece ser. Mas os elogios de Juca mais uma vez não me convenceram e não aceitei sua proposta. Seguimos juntos até bem adiante das guaribas, no chapadão onde antigamente era território dos catajás, dali ele seguiu para seu pé de serra e eu fui para casa de vovó.

Vovó estava sendo assistida. A vizinhança estava toda ali esperando a hora triste. Sá Venância era quem cuidava de vovó e me pediu para esperar um pouco. Quando entrei no quarto, vovó tinha um sorriso tão bonito, me abençoou com a voz fraca, dizendo que não lhe contasse nada, ela já sabia de tudo. Mas eu não podia perder a oportunidade, vovó não duraria muito:

— Por que mentiu para mim vovó?

Ela me olhou com tanta bondade e tristeza e arrematou:

- Nessa vida há dor que só quem é mãe é que sabe, meu filho. Tive quatro filhos, você já conhece a história, três deles peguei para criar e só Justino era do meu próprio ventre e foi o que me deu mais desgosto. Se eu tivesse te contado a verdade, você teria matado o único ser que gerei. Reconheço minhas

culpas e meus erros com Justino, mas minha única esperança era te salvar disso tudo.

Parou de repente, a respiração cansada e, antes que eu falasse, perguntou:

— O rio ainda continua bonito? Riozão, meu Jequi...

Tossiu forte.

Agora não conseguia bem articular as perguntas e respostas. Sá Venância me pediu para sair. Quando vovó mandou me chamar, pediu que acendesse a vela. Com muito custo tirou o rosário do pescoço, me abençoou e o estendeu para mim.

— Não estou preparado, vovó.

— Ninguém está, meu filho, só as graças de Deus que prepara a gente.

Aos poucos, cedi e ela colocou o rosário no meu pescoço, tossiu bastante, disse que estava feliz, segurei em sua mão... falou novamente do Jequitinhonha.

— Meu riozão...

Sorriu e ficou paralisada com aquele sorriso pela metade. Tentei animá-la, mas já não tinha jeito. Sá Venância também

chegou, fechou os olhos dela e tentando me consolar, disse que ela só estava me esperando e agora cumpriu a sua sina.

O velório de vovó foi coisa simples, mas muito numeroso, vinha gente de todo canto. Por volta da meia noite, chegou Homero que era rezador afamado, tinha um que só e ainda num apareceu quem se igualasse. São tantos casos que contam desse homem até os dias de hoje. Perguntou para quem vovó tinha deixado o rosário.

Olhou-me com firmeza e aconselhou:

— Tem gente, filho, que é como lagarta taturana, aparece na quaresma e depois some. Assim também essa gente só reza nessa época. Mas a oração é um fazer constante, é dever de cada dia.

Abençoou-me e depois partiu. Ele tinha a estranha mania de só viajar à noite, não saía nas horas exatas, sempre antes ou depois e era cheio de tantas crenças. Depois do enterro, o povo foi se despedindo até que me vi sozinho de novo, mas agora eu tinha uma casa e um legado de muitas eras para cuidar. Cada vez que eu sentia o rosário no pescoço eu arrepiava, tamanha era a responsabilidade. Demorei a me acostumar, mas sempre aparecia

um menino com alguma dor ou mal olhado e eu ia rezando, o povo tomou fé e a notícia foi se espalhando.

Voltei para buscar Maria das Dores como prometido. Seu pai não quis ficar sozinho e veio também. Casamo-nos em Araçuaí e em Itinga fui mais uma vez provado. Passava por aí um tal de Manuelzão, que levava gente para as matas, fazendo uma propaganda danada, que lá é que se enriquecia, pois as terras eram a preço de banana e a poaia se achava com tamanha facilidade que alguém poderia se enriquecer da noite para o dia. Enquanto eu comprava umas coisas no armazém ele se engraçou com Maria...

O velho Jovelino disse para ele respeitá-la e ele acabou desacatando os dois. Ainda bem que eu cheguei bem na horinha para escutar ele chamando minha esposa de preta. Aquilo já era demais, pedi-o para se retratar e ele explodiu numa enorme gargalhada como se fosse a coisa mais absurda que já tivesse ouvido. Pedi para eu repetir, pois não acreditava no que tinha ouvido, ele estava muito confiante, tinha dois capangas do lado.

Neste momento, já tinha gente demais por ali. Falei novamente no mesmo tom, um pouco mais compassado para que ele não tivesse dúvida e neste momento a coronha de meu

revólver já estava inteiramente à vista. O cochicho do povo já estava alto e um dos capangas que era dali mesmo e já nos conhecia de vista, disse:

— Estou fora dessa Manuelzão, esse aí é Orestes de Sá Ana.

Virou e saiu, o outro saiu sem dizer nada e Manuelzão sozinho, tentou argumentar que não sabia que aquela senhora era minha esposa e com mais raiva eu fiquei.

— Quer dizer que se não fosse minha esposa poderia ser abusada pelo senhor?

O homem não tinha mais palavras. O jeito foi pedir perdão para Maria e Jovelino e aquela cena me enjoou bastante, ver um traste daquele que só confiava no dinheiro e nos capangas, quando se via sozinho não tinha mais coragem, nem arrogância.

De volta para casa, prometi ficar longe das cidades e com o tempo fui perdendo o costume de andar armado. Depois da morte de Esperidião não atirei mais e com o desuso fui perdendo a habilidade. Minha arma agora era o rosário e cada vez mais me apegava a ele e tenho perdido a conta das vezes que ele tem me salvado.

Só para confirmar o que digo:

Uma vez, eu voltava de Comercinho, num dia de sábado, fui surpreendido por um bando armado e na frente vinha um rapazinho, montado num cavalinho preto, com gibão, perneiras e chapéu de couro, tudo feito sob medida, além da arma pendurada que se ajustava perfeitamente com aquele tipo.

Adiantou-se dos demais e começou a fazer perguntas dando voz de comando e os outros obedecendo. Queria saber por que eu não andava armado. Mostrei-lhe o rosário e ele não entendeu nada. Perguntou sobre os “grandes” da região e eu não lhe disse nada, mas ele se irritou muito. Eu rezava e pedia proteção, já tinha ouvido falar de tudo que andava acontecendo desde o estouro da revolta por este norte imenso. Os companheiros dele pareciam que estavam se divertindo com a situação e eu me agarrei a nossa senhora.

De repente ele riu levou a mão na coronha da arma e me olhou nos olhos.

— Então não vai responder? Acha que este rosário pode te salvar?

Lembrei-me de Sá Ana.

— Muita gente tem coragem, mas a gente precisa mesmo é ter fé.

Meu olhar se encontrou firmemente com o dele e isso o perturbou, mas ele não desistia e quando puxou a arma, surgiu outro grupo de cavaleiros que esbarrou sofrendo os animais e uma voz de mulher me despertou daquele pesadelo.

— Pare com isso Ulisses.

Imediatamente ele abaixou a arma, esporeou o cavalo e partiu. Aquela voz era de Helena, uma alegria tomou conta de mim. Apalpei o rosário e senti sua força. Helena acercou-se de mim. Pedi seus companheiros para esperá-la um pouco mais à frente e todos partiram. Apeamos e não tivemos forças de conter o abraço que foi demorado.

Ela estava mais madura e isso lhe dava uma beleza sem tamanho e um olhar de profundidade imensa. Perguntou-me sobre as armas e lhe contei tudo. Ela me falou de Juvêncio, da revolta que há muito tinha acabado, mas muita gente não se contentava. Falou que só queria uma vida mais tranquila ao lado de seu filho... E, por fim, me confessou que Ulisses era fruto de um amor proibido, concebido numa tarde eterna no rio Araçuaí...

A primeira vez que nos encontramos, eu não quis ir e agora eu não podia. Helena tristemente montou o cavalo, me olhou firme dizendo que passou aqueles anos todos tendo

esperança. Vi que ela tinha vontade de chorar, mas não chorou, fincou as esporas no animal e partiu em disparada.

Lembrei-me de Maria... eu não podia ter esperanças e voltei para o meu recanto. Algum tempo depois, chegou aqui em casa aquele delegado Joventino, desconfiado como sempre, esperou o almoço, descansou. Conversamos bastante, ele fez muito arroteio, perguntou sobre as armas que eu usava. Contei-lhe tudo, a garrucha já não possuía e o revólver estava guardado.

Mostrei-lhe o rosário e ele se deu por contente e achava muito justo de eu estar fazendo o bem para outras pessoas, pois a maioria dos que tinham o dom não queria, ele mesmo não acreditava, tinha os seus motivos, mas não dava palpite em religião de ninguém. Aí sem que nem por que ele me pediu o revólver para ver. Inocentemente, da mesma maneira que eu o tinha guardado eu o peguei e entreguei a Joventino.

A ferrugem já se alastrava por todo lado. Ele olhou com tanto cuidado, teve dificuldade para abrir o tambor, mas finalmente conseguiu. Tirou todas as balas, analisou e depois perguntou por que eu havia mentido em relação à morte de Esperidião. Eu disse que não estava entendendo e ele tentou clarear aquilo que estava na vista.

— Se foi você que matou Esperidião e depois daquele tiro certo nunca mais atirou, por que as balas estão todas intactas?

Bem que eu poderia dizer que tinha mudado o cartucho vazio, mas aquele delegado já tinha esmiuçado tanto antes de pedir a arma que eu estava com dúvida, talvez eu já tivesse dito sem querer o que ele acabava de afirmar. Essa gente é de sutileza medonha... eu não disse nem sim, nem não.

— Então, doutor?

Ele remexeu na cadeira e por fim disse que aprendeu a conhecer a natureza dos homens, se tivesse sido eu, com certeza teria me escondido e não dava as fuças em lugar nenhum, ao contrário eu continuava o ofício de vovó e disso tudo ele já sabia, mas precisava ter a certeza e por isso veio de tão longe. Ainda conversamos bastante, ele queria saber se eu não vendia a arma e eu disse que não. Quando ele já ia se despedir eu lhe presenteei com aquela arma e vi a emoção que ele sentiu, agradeceu muito e ainda brincou:

— Quer dizer que arma que matou Esperidião agora me pertence?

Riu alto, eu também ri, ele montou e partiu. Nunca mais tive notícias dele, mas aquilo de conhecer a natureza dos homens

eu penso, rumino, observo e desconfio... pois sei que a vida é um engano, um terrível e gostoso engano e feliz de quem descobre isso quando é jovem, que depois de velho muito pouco pode ser mudado.

Maria das dores não teve sorte, morreu junto com a criança no primeiro parto e desse golpe demorei a me recuperar. Mas o tempo vai pelo mundo curando feridas... O velho Jovelino também sofreu muito, mas era ele quem mais me dava força até que um dia ele se despediu também desse mundo velho. Novamente sozinho, ia cumprindo minha sina, agora maduro. As pessoas vinham cada vez de mais longe e a fama de benzedor aumentava mais e mais.

Um dia desses chegou uma visita inesperada que muito me alegrou. Era Helena, veio acompanhada de dois homens. Juvêncio tinha morrido; os companheiros quase todos encurralados ou mortos; o filho, como o avô, só pensava em política e ela já não tinha mais poder sobre ele. Ela queria voltar para a sua terra de nascença, só passou para pedir oração para o filho e também para si.

Na despedida joguei o orgulho de lado e a pedi para ficar. Vi a emoção... Mas ela foi saindo para o terreiro... Terreirão

imenso de tantas festas. Saí atrás e parei no meio do terreiro para contemplá-la melhor. Não escutei o que ela disse aos homens, mas eles amontaram e partiram. Ela ainda ficou um tempão segurando a rédea do animal, e isso me deixou agoniado. Depois virou-se para mim e veio vindo devagar, parou a uma distância razoável e disse:

— Eu fico.

Mais uma vez as sombras da tarde nos roubaram as palavras...

Agora já falei tudo, não tem segredo mais nenhum, acabei ficando velho junto com Helena e isso foi muito bom, mas um dia ela também resolveu fazer sua viagem para junto de Deus.

Eu fui ficando para pagar pecados e remoer lembranças... Só lembranças... Imensidão delas.

Eh, eh! Senhorita Artemísia, se tudo que te falei tiver alguma serventia, te desejo sorte, boa pesquisa e te abençoo.

Benza-te Deus.



Paulo André Alves de Amaral, natural de Medina – MG. Casado e pai de um casal de filhos. Começou a escrever poesia, bem novo. Tem várias poesias escritas e alguns contos, mas ainda não teve oportunidade de publicar nenhum livro. Uma de suas poesias, “Noite clara... dia escuro” foi classificada entre as 10 primeiras, na primeira noite literária do FESTIVALE em Bocaiúva em 1992.

Mestrando em Estudos Rurais pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, possui especialização em Direito Agrário pela Universidade Federal de Goiás, graduação em Educação do Campo pela Universidade Federal de Minas Gerais e curso de Extensão como Educador Social. Atualmente é coordenador da Comissão Pastoral da Terra-MG.

palvesdeamaral@gmail.com





O
B
E
N
Z
E
D
O
B
O
R
E
S
T
E
S

